

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUCAS MISZEWSKI DA ROZA – TCC – UFSC

SOCIEDADE E RÁDIO: A PRÁTICA DE PRODUZIR
CULTURA ATRAVÉS DO RÁDIO EM FLORIANÓPOLIS
NAS DÉCADAS DE 1950-1960.

FLORIANÓPOLIS, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LUCAS MISZEWSKI DA ROZA

SOCIEDADE E RÁDIO: A PRÁTICA DE PRODUZIR
CULTURA ATRAVÉS DO RÁDIO EM FLORIANÓPOLIS
NAS DÉCADAS DE 1950-1960.

Trabalho de
Conclusão de Curso
para obtenção do
título de bacharel em
História pela
Universidade Federal
de Santa Catarina, sob
orientação da prof. Dr.
Hermetes Reis de
Araújo.

FLORIANÓPOLIS, 2014.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, às dezoito horas e trinta minutos, na sala trezentos e onze do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **Hermetes Reis de Araújo**, Orientador e Presidente, pelo Professor **Henrique Pereira Oliveira**, Titular da Banca, e pela Professora **Claudia Renata Duarte**, Suplente, designados pela Portaria nº 50/TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Lucas Miszewski da Roza**, subordinado ao título: “**Sociedade e Rádio: a prática de produzir cultura através do rádio em Florianópolis nas décadas de 1950 e 1960**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Hermetes Reis de Araújo**, a nota final 7,0, do Professor **Henrique Pereira Oliveira**, a nota final 7,0, e da Professora **Claudia Renata Duarte**, a nota final 7,0; sendo aprovado com a nota final 7,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História, até o dia doze de dezembro de dois mil e quatorze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. **Hermetes Reis de Araújo**.....

Prof. **Henrique Pereira Oliveira**.....

Prof. **ª Claudia Renata Duarte**.....

Candidato **Lucas Miszewski da Roza**.....

Resumo

O processo de modernização dos meios de comunicação em Florianópolis foi resultado do enraizamento de "técnicas-padrão" utilizadas pelos profissionais envolvidos. Tais como: pessoal capacitado, horário a cumprir, padrão de locução, patrocinadores, efeitos sonoros, entre outros, mas também da ousadia em explorar suas ferramentas criando técnicas próprias de produção, e que, sem essa curiosidade, Florianópolis não ingressaria e não desenvolveria um sistema de rádio comunicação com características próprias. À este trabalho, **RÁDIO E SOCIEDADE: A PRÁTICA DE PRODUZIR CULTURA ATRAVÉS DO RÁDIO EM FLORIANÓPOLIS NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960**, coube relacionar, as interações desses profissionais aos seus aparelhos com o desenvolvimento de programas que aconteciam dentro do sistema de rádio transmissão numa ótica que perceba uma modernização dos hábitos de comunicar, desenvolvida por eles nas décadas de 1950 e 1960.

Palavras-chave: radiocomunicação; modernização; indústria cultural.

Abstract

The process of modernization of the media in Florianópolis was a result of rooting "standard techniques" used by the professionals involved. Such as trained personnel, schedule to keep, expression pattern, sponsors, sound effects, among others, but also the courage to explore their tools creating their own techniques of production, and that, without this curiosity, Florianópolis not would enter and not develop a radio communication system with its own characteristics. For this work, RADIO AND SOCIETY: TO PRODUCE PRACTICE CULTURE THROUGH THE DECADES OF RADIO IN FLORIANÓPOLIS IN 1950 AND 1960 fell relate, the interactions of these professionals to their devices with the development programs taking place within the radio system transmission in optical to realize modernization of the habits of communicating, they developed in the 1950s and 1960s.

Keywords: radio; modernization; cultural industry.

Agradecimentos

Neste momento em que concluo mais uma etapa em minha vida, gostaria de agradecer aquelas e aqueles que estiveram comigo a cada decisão tomada. Primeiramente a Deus, por conceder, a mim, a oportunidade de ingressar e concluir esta faculdade, guiando-me em cada escolha. Aos meus pais Luis Antônio Bittencourt da Roza e Barbara Miszewski da Roza, aos meus irmãos Pedro, Marcos e Laura, pois compartilharam comigo das dificuldades e das conquistas, dando-me todo suporte e coragem necessários para ser o que sou e chegar aqui. Agradecer também aos senhores Antunes Severo e Nelson Padilha que prontamente se dispuseram a conversar sobre suas atividades nos programas das emissoras de rádio em Florianópolis, fazendo as pesquisas aqui realizadas mais interessantes e saborosas com cafés e almoços compartilhados. A dona Marli, esposa de Nelson Padilha, que, voluntariamente, depositou tempo e carinho fazendo almoço a cada reunião realizada em sua casa. Registro também meu agradecimento ao Prof. Drº Henrique Pereira Oliveira, que corroborou na elaboração deste trabalho. Para finalizar gostaria de externar minha gratidão ao meu orientador Prof. Drº Hermetes Reis de Araújo que aceitou a missão de guiar o desenvolvimento das pesquisas, através do qual levou-me à conclusão deste trabalho.

Sumário

Introdução -----	8
Na ótica da Modernidade-----	10
Capítulo 1	
Rádio: o que é isto?-----	13
a) Aparelhos -----	23
a.a) Transmissor -----	26
a.b) Microfone -----	28
a.c) Mesa de som-----	28
a.d) Antena-----	29
b) Broadcast-----	29
Capítulo 2	
A cultura Broadcasting na História do Brasil-----	31
Os valores da Tecnologia-----	33
Silêncio no Broadcast-----	35
Capítulo 3	
As Vozes por Trás do Microfone de Florianópolis-----	43
Vivendo, aprendendo e criando um Broadcast-----	46
Pontos de Vista-----	50
Antunes Severo-----	53
Nelson Padilha-----	67
Aldonei Machado-----	75
Considerações Finais -----	86
Referências Bibliográficas -----	93

Introdução

O presente trabalho visa compreender a modernidade em Florianópolis, nas décadas de 1950 e 1960, através dos bastidores rádio. Dialogando alguns pensamentos parto da idéia que estiveram empenhados, talvez por motivos díspares, mas que rumaram na construção e no desenvolvimento, com o passar do tempo, de uma nova ótica de Florianópolis. O rádio dentro da historiografia costuma ser um instrumento de análise e que por vezes parece que tem vida própria. SOCIEDADE E RÁDIO: A PRÁTICA DE PRODUZIR CULTURA ATRAVÉS DO RÁDIO EM FLORIANÓPOLIS NAS DÉCADAS DE 1950-1960 busca analisar a forma de se produzir os programas de rádio e o impacto que promoveu aos radialistas dessa relação com suas ferramentas de trabalho como os microfones, mesas de som e outras ferramentas de trabalho que faziam irradiar suas vozes pela cidade, numa tentativa de perceber o movimento de modernização, senão da capital catarinense onde os ruídos emanados pelos radio-transmissores foram sendo normalizados aos ouvidos com o passar do tempo e que, de alguma forma, transformaram a rotina e possibilitaram o progresso social, pelo menos a modernização dos pensamentos e atitudes destes profissionais e a relação que tornaram a ter com suas ferramentas de trabalho. Para isso, apropriei-me de trabalhos historiográficos

já bem disseminados e aceitos como referências nas discussões referentes ao radiojornalismo, radiotransmissão e modernidade/modernização.

Em contato com a Casa da Memória, encontrei no arquivo do Zininho, programas gravados em fitas (alguns também disponíveis em formato digital) que também estavam escritos com as falas usadas pelas(os) locutoras(es) e radialistas que foram ao ar em Florianópolis dos anos 1950 até 1980. Interessante frisar que esses documentos, além de nos mostrar parte das técnicas utilizadas nos programas, podemos considerar um pedaço das memórias de Zininho, um amante e participante do rádio. Mas, no presente trabalho, irei utilizar estes documentos para observar o quê, e como os radialistas construía os programas que foram ao ar nas décadas de 1950 e 1960. Além desses trabalhos escritos, uma das propostas aqui presentes foi a utilização de entrevistas com as pessoas que atuaram e/ou trabalharam nos meios radiofônicos em Florianópolis nos anos entre 1950 e 1960. Ao propor abordar estas fontes, o cuidado em não criar uma reconstrução da história de suas memórias me foi a principal tarefa. Abordagem que faz desta pesquisa mais rica, pois o uso das fontes orais, como nos diz Philippe Joutard, no *X Congresso Internacional de História*

*Oral*¹: "É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão". Com esta abordagem nos possibilitamos ver, como pessoas que participaram da criação e disseminação dos programas, suas versões, seus pontos de vista sobre os fatos em que foram testemunhas/protagonistas dessa história e, que de alguma forma corroboraram na construção e desse novo jeito de se viver que se criou no século 20, e que, até hoje (no século 21) perduram, como o caso da idéia da ESTÉTICA e da MODERNIDADE, termos que Maria Bernadete Ramos Flores² descreve com muita propriedade sobre a capital de Santa Catarina. Assim, espero que deste trabalho surja novas possibilidades de compreender o desenvolvimento social, profissional e histórico de Florianópolis.

Na ótica da Modernidade

No curso do terceiro período, de 1914 aos dias atuais (1964), irá especificar-se e implantar-se a informação moderna. [...] A situação vai ser transformada pelo aparecimento e depois pela

¹ Evento que aconteceu em junho de 1998 na cidade do Rio de Janeiro.

² Professora titular em História Cultural, Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, Doutora em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pesquisadora do CNPq.

extraordinária expansão das notícias técnicas: o Rádio, o Cinema, a Televisão. [...] A informação torna-se-á, tanto quanto - senão mais - o exercício de uma liberdade pública ou de uma ação política, o suporte de toda a atividade social, seja de ordem pública ou de ordem privada.³

O rádio é um dos meios de atingir a sociedade em massa através das propagandas e dos programas, atingindo os pensamentos dessas pessoas que o utiliza. Hoje com mais de 70 anos transmitindo informações ao povo brasileiro as emissoras de rádio estão organizadas em: não comerciais estatais, educativos, culturais e universitários tendo chegado ao número próximo de quatro centenas de emissoras espalhados por todo o Brasil. Até meados dos anos 90, integravam o então chamado sistema educativo de rádio. Este meio de comunicação já vinha sendo utilizado desde os tempos de 1920 dentro do país, mas só ganha valor e respeito após o esforço de alguns personagens que viam neste aparelho, instrumento fundamental, e porque não

³ TERROU, Fernand. **A Informação**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo. Difusão Europeia do Livro, Coleção Saber Atual. 1964, p. 50.

dizer vital para a formação das pessoas do século da modernidade e dos avanços tecnológicos. Personalidades como as de Roquete Pinto (1922) no Rio de Janeiro e Ivo Serrão Vieira (1943) em Santa Catarina deram os primeiros passos para a chamada "sociedade da informação", que, segundo Zuculoto podemos compreender como o “resultado do avanço cada vez mais veloz das inovações tecnológicas e de suas múltiplas aplicações na área das comunicações.”⁴

Atualmente a maior parte das emissoras se autodenomina emissoras públicas, embora, até o momento, a legislação brasileira para a radiodifusão não explique e/ou aplique uma regulamentação dos três sistemas estabelecidos pela Constituição de 1988: privado, público e estatal. Essas emissoras, ao longo destes 70 anos de existência, que influenciaram não só o desenvolvimento do conceito e a utilidade do rádio brasileiro, mas também na própria história do país. Florianópolis, por exemplo, ao ingressar no século 20 era considerada uma capital pacata e com características de cidade

⁴ ZUCULOTO, Valci Regina M. **As perspectivas do rádio na sociedade da informação: reflexões sobre a programação das emissoras públicas.** Trabalho originalmente apresentado ao NP Rádio e Mídia Sonora do IV Encontro de Núcleos de Pesquisas da Intercom, no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Porto Alegre, RS, de 30 de agosto a 03 de setembro de 2004, p. 8.

do interior, porém, com projetos de modernização e reformas, esta cidade começou a ganhar novas proporções e as vidas das pessoas começaram a mudar de ritmo. A ponte Hercílio Luz foi um dos marcos de transformação para as pessoas que tinham que atravessar o continente para a ilha e vice versa. A higienização da cidade se torna mais intensa e, no final da primeira metade do século 20 esta ilha conquista o rádio que oferece a Florianópolis a experiência de um sistema modernizador de comunicação, onde integrava às práticas locais aos agitos e ritmos de outras partes do Brasil e do mundo. Essa novidade foi ganhando espaço e, assim como o jornal impresso, pesquisas começaram a mostrar a importância dos programas de rádio como co-participantes na construção de costumes sociais e desenvolvimento da história. As pesquisas, cada vez mais, abordam assuntos diversos e complexos ao ponto que hoje compreendo que para discorrer sobre o sistema de comunicação via rádio e sobre outros temas relacionados à ele, como: formação da cultura política, da cultura musical, costumes modernos.

Capítulo 1

Rádio: o que é isto?

A radiocomunicação vem sendo utilizada no mundo desde as últimas décadas do século 19 como forma de comunicação

militar e auxílio aos cidadãos quando necessário como apontado por Lindolfo Medeiros Corrêa em entrevista concedida a Nei Manique. Fazia parte das táticas de infiltração em territórios inimigos por parte dos usuários. Mas, segundo Vampré, a utilização do sistema de ráiodifusão por emissoras, com características próprias de linguagem, programas, está estipulado no ano de 1919 como o marco para o que ele chama de "Era do Rádio"⁵. Dentro desse contexto mundial, o Brasil se insere sendo um dos primeiros a registrar transmissões de rádio no mundo além das patentes referentes a telegrafia sem fio; telefone sem fio e o de transmissor de ondas eletromagnéticas, ambas adquiridas nos EUA. Um esforço do padre Roberto Landell de Moura que começou em Campinas-SP, em 1893, depois de ter estudado áreas como Física e Ciências Químicas em Roma.⁶ Mas foi com as descobertas feitas em 1906, pelo coronel norte americano H. H. C. Dunwoody, que levaram as inovações mais acessíveis ao público consumidor. A inovação técnica de detecção ganha mais repercussão pois o material usado era simples, apenas uma pedra de cristal de galena (sulfeto de chumbo natural) conectado à uma antena por meio de um

⁵ VAMPRÉ, Octávio Augusto. **Raízes e evolução do rádio e da televisão**. Porto Alegre, RS. Ed. FEPLAM - RBS, 1979, p. 26.

⁶ *Ibidem*, p. 21.

cabo fino de arame (bigode de gato) que levava o som ao par de articuladores⁷. Essa técnica de recepção fez com que o sistema de rádio transmissão ganhasse cada dia mais adeptos, inclusive no Brasil. As emissoras começam a surgir no formato de clubes ou outras organizações de pessoas que buscam aprimorar essa técnica de comunicação. De início temos registros no Nordeste no estado de Pernambuco e, posteriormente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Em Santa Catarina o sistema regulamentado de rádio-comunicação, torna-se mais uma opção de comunicação em 19 de março de 1936, em Blumenau com a Rádio Clube de Blumenau e Florianópolis adere ao sistema de comunicação somente em meados de 1940, depois de Joinville (1938) e Itajaí (1941)⁸. De lá até os dias atuais estas cidades foram sendo providas de novas ideias, estilos e gostos do mundo. Da convivência com aparelhos as cidades começam a sofrer alterações físicas, na necessidade de suprir as exigências de novas práticas decorrentes destes contatos com o mundo, incorrendo na mudança das práticas sociais. Postes, antenas,

⁷ Articuladores são fones super sensíveis que dispensam o uso de energia para emitirem os sons captados. Porém seu uso era individual, por não haver potência para propagar o som captado. Posteriormente os articuladores foram substituídos por alto-falantes, no estilo das vitrolas, sendo posteriormente embutidos nos receptores. (VAMPRÉ, 1979, pg.25).

⁸ SEVERO, Antunes. **Caros ouvintes: os 60 anos do rádio em Florianópolis**. Antunes Severo e Ricardo Medeiros (org.). Florianópolis. Ed. Insular, 2005, p. 50-51.

ruídos, reuniões nas casas de parentes ou nos auditórios das emissoras se tornaram cada dia mais frequentes na rotina das cidades como aponta Antunes Severo e Ricardo Medeiros no livro "Caros Ouvintes".

Segundo Renato Ortiz o “processo de mundialização da cultura é parte de um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais” de uma sociedade cujo território em que vivem está conectado com o restante do mundo.⁹ O processo de mundialização, ao tratarmos de Florianópolis, iremos perceber em seu início pelo porto, pelos jornais e folhetins que circulavam com notícias do Brasil e do mundo, mas adentrar no século 20 este elo é percebido pelos resultados das iniciativas de modernização da capital, o que ocasionou o afrouxamento, ou a permeabilidade de suas fronteiras que a ilha começou a ter após a instalação da ponte Hercílio Luz e mais fortemente com a implantação dos sistemas de radio-comunicação. Este sistema de comunicação, pela sua função, desenvolveu novas possibilidades de ação dentro e fora da cidade que se manifestaram na forma de shows musicais, na construção de auditórios, na linguagem utilizada nas propagandas e, por quê não dizer, também, nas construções das

⁹ ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 2000. p. 15.

torres de antenas que agora estavam fazendo parte do cotidiano da cidade. Para Maria Bernadete Ramos Flores, a modernidade traz consigo uma estética inovadora. Essa inovação por sua vez está calcada nas novas técnicas que corroem a tradição dando espaço e passagem para a modernidade se instalar.¹⁰ Essa estética inovadora não somente transmite intencionalidades de um determinado grupo de pessoas que detém dos meios materiais, institucionais e técnicos, mas interfere nas praticas dos consumidores dessa nova ordem colocada, gostando ou não. Ainda segundo Flores,

a modernização instituída pela renovação técnica do espaço urbano produzia toda sorte de experiências sociais e culturais [...] as rádios Atlântida e Guarujá enxameavam a cidade com novos sons musicais e notícias do mundo, de Paris e do Rio de Janeiro.¹¹

Esse ideal de modernidade trazido por Flores, podemos perceber no campo da radiodifusão em Florianópolis, ao conversar com Nelson Padilha, onde nos afirma, em entrevista¹²

¹⁰ FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina**. Maria Bernadete Ramos Flores, Luciene Lehmkuhl, Vera Collaço (org.). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. p.13.

¹¹ Ibidem, p. 17.

¹² Entrevista com Nelson Padilha realizada em 04/10/2013.

concedida, que o rádio tornou-se um veículo de introdução de novos gostos musicais nacionais como a bossa nova e a mpb, além de estilos oriundos de outras partes do mundo como o jazz e o soul. Aldonei Machado¹³ vai, num raciocínio parecido, concluir que no século 20 a industrialização tomou proporções maiores, atingindo o espírito humano, pois, “através desta industrialização, palavras e imagens saem aos turbilhões dos teletipos, das rotativas, das películas e das antenas das emissoras de rádio e de televisão”¹⁴.

Isso é percebido no material guardado na Casa da Memória de Florianópolis. Além de gravações (tapes) das vinhetas e programas que eram transmitidos nas décadas de 1950 e 1960, disponíveis com a nomenclatura FC ou FR, por exemplo FC004 - programa Bar da Noite/ Lado A e Lado B/ Título: A vida e uma rotina/ Texto Aldo Silva (Lado A) - Zininho (Lado B)/ Apresentação: Antunes Severo/ Cantora: Neide Maria Rosa/ Músicos: Aldo Gonzaga (piano), Dino Souza (bateria), Demaria (contrabaixo), temos também armazenado os rascunhos dos programas por escrito. Nestes documentos não é difícil perceber

¹³ MACHADO, Aldonei. Música, Shows e Estrelas no dial: a Rádio Guarujá e a chegada da indústria cultural em Florianópolis. In: FLORES; et. al. A casa do baile: Estética e Modernidade em Santa Catarina. 2006, p. 23.

¹⁴ Idem, Florianópolis nas Ondas Médias e Curtas do Rádio (Décadas de 40 e 50). Florianópolis, 1999, p. 54.

o anseio de promover uma cultura mais refinada, mais culta. Voltada para um público mais abastado, o rádio era um mecanismo de fortalecer a identidade de um determinado grupo que dominava os demais e projetava nas classes dominadas desejos de consumo numa forma de criar novos nichos de mercado. Não é por menos que se desembolsava muito dinheiro na manutenção do corpo de funcionários da emissora como nos aponta uma reportagem de jornal O Estado: *"Por volta de 1954 o rádio teatro começava a marcar a fase áurea da Rádio Guarujá de Florianópolis. Um elenco milionário e homogêneo dirigido pelo saudoso..."* (sem paginação). Isso era feito na tentativa da estação angariar mais ouvintes, e com isso mais empresas patrocinadoras que faziam aumentar os fundos da emissora. Conversando com Nelson Padilha perguntei de que forma eram feitas os censos de audiência dos ouvintes e a resposta foi que haviam equipes que percorriam os bairros da cidade indo de casa em casa perguntando aos residentes se havia aparelho radiofônico na casa e, caso sim, qual a estação estes ouviam com mais frequência. Segundo ele, esses levantamentos levavam meses para serem concluídos.

Abre-se um leque de possibilidades. O mundo se aproxima do ouvinte e traz a tona questionamentos sobre a sua própria realidade. Costume, gostos, prática de frequentar teatros ou

bares, dependendo da estação que se escuta, vão sendo fomentadas até tornarem-se práticas culturais ditas locais.

Nessa ideia de perceber o lugar, Ricardo Medeiros num artigo intitulado “As radionovelas e seus desdobramentos na capital catarinense”, vem trazer informações muito importantes sobre a influência do rádio nas praticas dos ouvintes, a compreensão de si e da sociedade. Afirma que “na opinião de 80% dos entrevistados esses temas - ficções radiofonizadas como amor; paixão e romances; vingança; desavença; briga; intriga ódio; traição; e amizade/companheirismo - influenciavam a vida dos ouvintes”.¹⁵

Mas não somente as radionovelas intervinham nas pessoas, também as propagandas e programas, como bem nos aponta Bruno Henrique Nichel em seu artigo *Amável, Prezadíssimo, Inesquecível: o imaginário acerca do locutor de rádio nas correspondências femininas*¹⁶, aonde aponta personalidades que mexiam com as imaginações de seus ouvintes.

¹⁵ MEDEIROS, Ricardo. **As radionovelas e seus desdobramentos na capital catarinense.** (Artigo) In: SEVERO, Antunes. GOMES, Marco Aurélio. **Memória da radiodifusão catarinense.** Ed. Insular. Florianópolis, 2009, p. 188.

¹⁶ NICHEL, Bruno Henrique. **Amável, Prezadíssimo, Inesquecível: o imaginário acerca do locutor de rádio nas correspondências femininas,**

Nas décadas de 1950 e 1960 não havia tantas emissoras de rádio como atualmente, porém, essas duas décadas foram o auge do rádio, segundo pesquisadores o "período de ouro" da radiodifusão em Florianópolis e no Brasil, como apontam Ricardo Medeiros e Antunes Severo. Esse foi o período em que se pode perceber uma forte mudança dos hábitos da população local, influenciada pela forte ideia de modernidade descrita por Maria Bernadete Ramos Flores juntamente com Luciene Lehmhuhl e Vera Collaço que organizaram o livro intitulado "A casa do Baile: Estética e Modernidade em Santa Catarina", já indicados aqui.

Concordando com estas ideias de que o rádio alterou a vida dos moradores da cidade, volto aos primeiros questionamentos e ideias que norteiam este trabalho: o que foi o rádio para Florianópolis? Qual sua relação com a comunidade profissional de radio-transmissão? De fato, podemos dizer que a radiotransmissão desenvolveu, ou ajudou a criar, o que Zuculotto chama de sociedade da informação em Florianópolis nas décadas de 1950 e 1960? Se isso de fato pudermos perceber, qual o impacto da modernização e da mundialização gerados

pelo rádio? Qual era o pensamento das pessoas que promoviam essa *indústria cultural* numa cidade dita como interiorana? E o principal, quais as relações dos profissionais com seus objetos de trabalho?

Ao entrevistar Antunes Severo, perguntei o que ele pensava ser o rádio. Ele de prontidão respondeu que o rádio era uma vitrine, uma janela, um local de exposição da pessoa locutora, um espaço grandioso e requintado, onde independente da sua formação, da sua família, as pessoas que ali trabalhavam eram percebidas como gente comum. Flávio Siqueira descreve sobre o rádio, também de forma poética. Afirmo ser um local de "gente falando com gente: interagindo, propondo, refletindo o inconsciente coletivo na linguagem específica de quem ouve. É saber porque fala e as razões de quem ouve sem perder a autenticidade e a verdade."¹⁷ O rádio por si só é uma afirmação da modernidade da mentalidade humana que quebra barreiras da distância e aumenta a capacidade de uma pessoa se comunicar com outras ao mesmo tempo. Dentro do tempo, podemos entender facilmente que o rádio é a materialização do esforço humano em desenvolver uma tecnologia que o faça ampliar sua

¹⁷ SIQUEIRA, Flávio. **O que é o rádio?** In: <http://www.supercomunicador.com.br/2010/05/o-que-e-radio.html>, acessado em 08/05/2014.

influência e controle sobre si mesmo. Podemos ficar aqui falando de várias formas algum significado, tentando encontrar de forma simbólica e/ou concreta, um significado que melhor se aproprie a ocasião, mas para não ficar divagando nas ideias sobre o que é o rádio, fico no entendimento na linguagem técnica onde descreve-se como um sistema de comunicação através de ondas eletromagnéticas que, por serem de comprimento diferente, classificadas em ondas curtas de alta frequência AM ou ondas longas de baixa frequência FM, assim, utilizadas para fins diversos como televisão e rádio, por exemplo. Para o funcionamento de um radioamador, alguns equipamentos são necessários para as informações serem transmitidas. No mínimo uma antena, um transmissor, uma mesa de som, um microfone e, claro, uma pessoa para comandar os aparelhos. Vejamos um pouco dessa corrida pela conquista da materialização das ideias relacionadas à comunicação via rádio.

a) Aparelhos

A corrida pela materialização da teoria, criada pelo físico James Clerk Maxwell em 1863, em Cambridge, na Inglaterra¹⁸, aconteceu num curto espaço de tempo e movimentou grande

¹⁸ VAMPRÉ, Octávio Augusto. Raízes e evolução do rádio e da televisão. Edição FEPLAM - RBS. Porto Alegre, RS. 1979. p.15.

parte do mundo. Afirmando isso, pois quando essa tecnologia surgiu, ela já estava disseminada praticamente no mundo todo. Esse foi literalmente um conhecimento constituído de forma universal, por mais que tenhamos alguns nomes e locais específicos envolvidos. Ainda segundo o próprio Vampré em 1887 teremos a divulgação das primeiras ondas detectadas pelo físico Henrich Rudolph Hertz e, em 1894 a divulgação dos primeiros aparelhos emissores e receptores das ondas hertzianas pelos professores Oliver Lodge e Ernest Branly. De fato, os aparelhos que teremos nas décadas de 1950 e 1960 foram surgindo com o decorrer das décadas seguintes, sendo pensados em várias partes do mundo até mesmo no Brasil. De maneira bem simplória, na história do rádio no Brasil, reconhece-se as pesquisas do químico e físico Roberto Landell de Moura¹⁹ no âmbito da radiofonia e rádiotransmissão. No mundo ocidental,

¹⁹ Os pensamentos de Roberto Landell de Moura sobre as fonações das ondas radiofônicas: "1 - Todo movimento vibratório que até hoje, como no futuro, pode ser transmitido através de um condutor, poderá ser transmitido através de um feixe luminoso; e, por esse mesmo fato, poderá ser transmitido sem o concurso desse mesmo agente. 2 - Todo movimento vibratório tende a transmitir-se na razão direta da sua intensidade, constância e uniformidade de seus movimentos ondulatórios, e na razão inversa dos obstáculos que se opuserem à sua marcha e produção. 3 - Dai-me um movimento vibratório tão extenso quanto a distância que nos separa desses outros mundos que rolam sobre nossas cabeças, ou sob nossos pés, e eu farei chegar minha voz até lá." (Ibidem, p. 20)

que visa a globalização, a corrida pela hegemonia do público consumidor sempre foi a meta das empresas que se propuseram em ter as patentes²⁰ das tecnologias de comunicação. Para isso a procura de melhores aparelhos e mais em conta foram os fatores decisivos para a sua aceitação. No que diz respeito a fabricação dos rádio transmissores não foge a esta lógica. O padre Roberto Landell de Moura tinha seus aparelhos²¹, as patentes dadas pelo governo brasileiro²², mas não tinha amparo financeiro para desenvolver suas pesquisas. Fato foi que nas décadas que este trabalho aborda (1950 - 1960), as empresas que vendiam os aparelhos para as emissoras eram Phillips e RCA e que estavam

²⁰ Uma patente, no pensamento clássico, é uma concessão pública, conferida pelo Estado, que garante ao seu titular a exclusividade de explorar comercialmente a sua criação. Em contrapartida, é disponibilizado acesso ao público sobre o conhecimento dos pontos essenciais e as reivindicações que caracterizam a novidade no invento.

Os direitos exclusivos garantidos pela patente referem-se ao direito de prevenção de outros de fabricarem, usarem, venderem, oferecerem vender ou importar a dita invenção.

²¹ Seus aparelhos apresentados em 1893: "Teleauxiofonico", de telefonia com fio; o "Caleofono", também de telefonia com fio, mas que substituiu a campainha de chamadas por um som articulado ou instrumental; C) o "Anematófono", telefonia sem fio, com nitidez e segurança maior do que a com fio; o "teletiton" telegrafia fonética, sem fio, com o qual duas pessoas podem comunicar-se sem serem ouvidas por outras, e finalmente, o "Edifono", destinado a dulcificar e depurar as vibrações parasitas da voz fonografada, reproduzindo-a ao natural. (VAMPRE, O. op. cit. p. 22).

²² Ibidem, p. 22.

na ponta da corrida das empresas globais que fabricavam transmissores e receptores de rádio.

Cabe aqui salientar aspectos mais amplos do rádio. Podemos perceber o rádio como um motor que transforma a cultura de Florianópolis numa cultura mundializada que, segundo Renato Ortiz “é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais, e que, para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais”²³. Venho com isso afirmar, também que, é com o ingresso do rádio na vida dos moradores que surgiram os pilares da modernidade em Florianópolis, como algo aceitável e consumível, pois era através do rádio que nesta cidade se ouvia o que o mundo falava.

a.a) Transmissor

A corrida para a concretização de um sistema de comunicação sem fio é marcada por um processo mundial. Pesquisadores no mundo constantemente iam descobrindo e reformulando e criando melhorias para efetivar esta forma de comunicação que possibilitava um sem fim de possibilidades de acelerar e aproximar as ideias pelo mundo. Em 1894, na Inglaterra, Oliver Lodge descreve e demonstra o primeiro

²³ ORTIZ, R. op. cit. p. 31.

sistema completo de comunicação sem fio. Um ano antes, no Brasil, Roberto Landell de Moura, como já comentado, transmite, numa distância de 8 km, a voz humana por um sistema sem fio. Mas vejamos como se desenvolveram as peças, ou, como Laymert dos Santos chama de 'ferramentas', que fizeram a radiocomunicação algo real. Dois personagens ganham destaque aqui pois foi com a descoberta deles que possibilitou a transmissão de sinais e ruídos por meio das ondas hertzianas. John Ambrose Fleming, cientista britânico inventa, em 1904 uma válvula termiônica, ou Válvula de Fleming, que tinha capacidade de detectar ondas eletromagnéticas. Segundo Fazer, em seus escritos publicados em seu site com base nos livros que ele publicou, esta válvula era formada por uma lâmpada elétrica e seu filamento era envolvido por uma placa cilíndrica. Com esta placa cilíndrica dava a possibilidade de controlar o fluxo da corrente como num registro de circuito hidráulico. Porém esta capacidade de detectar sinais era igual aos detectores à cristal. Mas no ano de 1905, Lee DeForest desenvolve uma válvula que denominou 'Audion', ou válvula tríodo. Ela consistia na mesma válvula de Fleming, porém com uma grade metálica que potencializava a ação da válvula. Agora era possível transmitir e captar a voz humana e músicas. Estas conquistas deram a possibilidade de desenvolver os transmissores de rádio.

a.b) Microfone

Acessando ao site de Carlos Alberti T. V. Fasano²⁴ temos a seguintes informações sobre o microfone: surgiu do transmissor telegráfico inventado simultaneamente por Elisha Gray e Alexander Graham Bell em 1876. Palavra de etimologia grega significando 'pequeno som' (MICRO = pequeno; FONE = som)²⁵. Porém segundo Tem por finalidade captar ondas sonoras (ondas entre 20Hz e 20KHz) e, através do diafragma (membrana fina e flexível), converte-las em vibrações mecânicas que, passando por uma bobina, transformam-se em sinais elétricos.

a.c) Mesa de som

Aparelho utilizado para combinar sons emitidos de dois ou mais pontos capitados por microfones e assim transmitir tudo em um único sinal de saída. Conforme surgem novas formas de mixagem vão surgindo modelos específicos para cada situação - modelos para rádio, modelos para estúdio, modelos para palco, etc.

²⁴ Carlos Alberto T. V. Fazano é formado em Química Industrial e publicou livros que tratam sobre a instrumentalização de laboratório. Em seu site: www.fazano.pro.br - visitado em 05/06/2014 - encontramos informações sobre a história do rádio entre outros objetos que formam o sistema de comunicação sem fio realizada por ondas eletro magnéticas.

²⁵ FAZANO, Carlos A. T. V. **A idade do elétron: 100 anos de progresso na eletrônica.** in: www.fazano.pro.br (tópico 7.1).

a.d) Antena

Dispositivo que transforma energia eletromagnética guiada pela linha de transmissão em energia eletromagnética irradiada, isto é, a antena tem a função de emitir e receber as ondas de rádio-frequência. Consta que as primeiras antenas produzidas por Hertz tinham por composição duas placas de metal conectadas à dois bastões metálicos. Estes dispositivos eram ligados a duas esferas separadas entre si por uma distância pré-determinada. Uma bobina era adaptada nas esferas e esta gerava descargas por centelhamento, que ao atravessarem o espaço entre as esferas produziam ondas eletromagnéticas oscilatórias.

b) Broadcast

Termo em inglês dado para designar um grupo de pessoas que realizam um programa de rádio. Esses grupos foram sendo formados de início nas radionovelas. Aliás, cabe aqui discorrer uma idéia, estes grupos, criados para cada programa, fazem com que o rádio ganhe novas dimensões e formas, desenvolvendo um determinado tipo de linguagem específica para cada programa realizado. Essa, para mim, é a grande riqueza do rádio, pois, com isso, compreendo que não podemos

falar que o rádio carrega com si uma única forma cultural, mas abre-se um leque de possibilidades e de arranjos sociais, fazendo com que uma determinada emissora desenvolva dentro de si várias linguagens, podendo abordar várias formas de expressões culturais. Veremos, no decorrer deste trabalho que, o cultivo de um determinado costume se aplica em cada segmento do rádio, até mesmo no que se refere ao ouvinte. Mas antes de uma novela alcançar o ouvinte, o programa passa pelo espectro cultural do radioator e da rádio atriz, que passa antes pela crivo do escritor ou da escritora, que é auxiliado pela técnica do narrador, do sonoplasta e do técnico de som. Cada trabalhador dentro do rádio tem uma forma de ver o programa em que trabalha e, que, em conjunto desenvolvem uma unidade que ao ser ouvido e interpretado cria uma nova forma, um novo sentido. Proponho uma nova abordagem ao termo "rádio", colocando-o no plural "os rádios", pois cada programa que era emitido trabalhava com uma determinada estrutura e com profissionais específicos, gerando, assim, uma linguagem própria de cada programa.

Capítulo 2

A Cultura Broadcasting²⁶ na História do Brasil

No início da era do rádio o *speaker* ainda não se preocupava muito com o ouvinte. Não era por descaso, mas por falta de condicionamento. Afinal, aquela era uma profissão nova, criada por uma tecnologia. Não havia modelos para seguir. Os novos profissionais tinham que criar as regras e os procedimentos da nova profissão.²⁷

A história da "era da radiofonia" no Brasil tem um marco inicial segundo os jornalistas e historiadores no ano de 1919, mas foi em fevereiro de 1922, na Semana de Arte Moderna de São Paulo, com a transmissão ao vivo da Ópera *Il Guarani* executada na sala São Paulo que a população de fato entendeu de alguma forma sua utilidade. Mas apenas em setembro houve

²⁶ Broadcast ou radiodifusão é o processo pelo qual se transmite ou difunde determinada informação para muitos receptores ao mesmo tempo. WIKIPÉDIA, acessado em 09/04/2014.

²⁷ THOMÉ, Luís Touguinha. **Na onda do progresso: o papel do rádio do desenvolvimento do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Alternativa Consultoria. 2001, p. 21.

"a primeira transmissão oficial de rádio no país, quando houve uma barulhenta exposição comemorativa ao Centenário da Independência no Rio de Janeiro, então Capital Federal"²⁸. Segundo relata Aldonei Machado, o ingresso do sistema de radiocomunicação no Brasil e sua aceitação foi acompanhado tanto pela sociedade quanto pelos profissionais (se é que podemos chamar os pioneiros de profissionais, haja vista que não haviam referências técnicas, como nos conta Luís Touguinha Thomé, em seu livro *Na onda do progresso: o papel do radio do desenvolvimento do Rio Grande do Sul*, publicado em 2001, jornalistas que, segundo Renato Murce, utilizavam as colunas dos jornais para "criticar, áspera e maldosamente, tudo o que se fazia no *broadcasting*." (Grifo do autor). Alegavam que "nenhum programa prestava" e que "todos que trabalhavam no rádio eram ignorantes analfabetos, cuja missão era deseducar o povo"²⁹. Mas como Aldonei descreve, esse movimento está mais para uma desconfiança ao novo. A modernidade invade o Brasil com seus aparelhos eletrônicos, costumes diferentes trazendo uma estética diferente. Os idos de 1940 e 1950 foram o momento de transição dos grandes centros urbanos com Rio de Janeiro e

²⁸ MACHADO, A. op. cit., p. 53.

²⁹ MURCE, Renato. *In*: MACHADO, Aldonei. A cidade no dial. Florianópolis nas Ondas Médias e Curtas do Rádio (décadas de 40 e 50). 1999, p. 42.

São Paulo e um primeiro contato com o rádio, como Florianópolis. Neste mesmo sentido na capital de Santa Catarina, aqueles que procuravam inserir o rádio no meio da sociedade encontraram pessoas que não estavam de acordo com esses novos ruídos na cidade, mas que aos poucos foram acostumando e convivendo, ou até mesmo gostando desses ruídos que traziam informação e entretenimento.

Os valores da Tecnologia

Trago para este tópico as questões referentes à concepção de mundo que os aparelhos propõem com seus usos no Brasil. Num país em pleno processo acelerado de crescimento econômico, a valorização dos produtos industrializados e principalmente vindos de fora criam e retratam valores e uma concepção um tanto diferente desses objetos. O Brasil deixa de produzir estes aparelhos tecnológicos e passa, em suma, a consumir e, a esta modernização, cria-se outros valores sobre modernidade. O fato é que, como já vimos, no Brasil não houve interesse de reconhecer o meio de comunicação radiofônico como uma forma de investimento. Numa das conversas com Antunes Severo tive o prazer de conhecer um pouco da sua vida. Uma trajetória que mistura sua vida profissional com vida privada mas que se desdobra na criação de uma pessoa, num

personagem fora do comum quando escutamos ele falar sobre sua trajetória no rádio. Sua infância marcada pela torre da antena do rádio e uma bateria de carro para alimentar o receptor lhes são recordações ainda muito vivas na memória. Mas ao comentar da sua vinda para Florianópolis, descreve que os aparelhos utilizados pela Rádio Diário da Manhã eram os mais avançados que ele já tinha visto e, que isso dava a possibilidade de aumentar a qualidade dos programas. Nos fica claro com isso que, com o advento de melhorias dos aparelhos, as opções de perceber e agir com o entorno são modificados. Como podemos perceber, as ferramentas que fazem o rádio funcionar foram sendo modificados. Sobre estes esforços em conquistar avanços técnicos, Franz Josef Brüseke³⁰ compreende que são permeados pela racionalidade de fins manipulados embrenhados na vontade humana de criar novas formas racionalizantes de se pensar e projetar-se no mundo. O resultado dessa busca foi a modernização da técnica que tornou capaz de pensar o além das

³⁰ Mestre (1977) e doutor (1982) em Sociologia pela Westfälische Wilhelms Universität Münster, Alemanha. Foi coordenador de departamento da Volkshochschule Hamm, Alemanha (1982-1987), perito integrado do CIM/GTZ (1987-1990), professor da Universidade Federal do Pará (1987-1997), da Universidade Federal de Santa Catarina (1998-2006). Leciona desde 2006 na Universidade Federal de Sergipe onde é coordenador do Núcleo de pesquisa Sociedade, Ciência e Técnica (SOCITEC). Pesquisador do CNPQ.

finalidades da razão aplicada, ou da criação da razão aplicada - a máquina, mas que possibilitou buscar novos fins úteis a estas máquinas. Nas palavras de Brüseke "a transformação da técnica em técnica moderna se dá com esta perda do caráter finalístico da técnica, ou melhor, com a prevalência da técnica como um meio aberto"³¹. Vejamos um pouco dessa trajetória e compreendamos o esforço humano e a concretização das técnicas modernas de sistema de radiocomunicação que basicamente necessita de um transmissor, mesa de som, microfone e um receptor. Mas para chegar a tais aparelhos grandes esforços foram efetuados e aos resultados encontrados, novos fins foram tomados.

Silêncio no Broadcast

Para esta parte do trabalho, creio ser de muita valia, até mesmo para contextualizar a trajetória do rádio em âmbito nacional, discorrer um assunto correlato aos bastidores das empresas de radiofonia, pois tratar a idéia de modernidade na sociedade, é enxergar rupturas das práticas de trabalho e convívio social. Ainda mais quando se fala da intervenção dos interesses públicos no mundo do privado numa época como o

³¹ BRÜSEKE, Franz Josef. **A modernidade técnica**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.17, nº49. São Paulo. Junho de 2002, p. 139.

que se passou a sociedade brasileira na ditadura, pelo qual passou o período em que estamos abordando. Segundo Nair Prata³² e Glória Castelhana³³ em artigo intitulado “Ditadura, censura e o rádio: uma história de semelhanças entre Brasil e Portugal”, independente do formato que essas ditaduras se concretizaram nos países da América do Sul, num ponto compartilhavam: a censura. Ao governo foram dados plenos poderes para “fechar o Congresso Nacional e outros legislativos (medida regulamentada pelo Ato Complementar nº 38), cassar mandatos eletivos, suspender os direitos políticos de qualquer cidadão, intervir em Estados e municípios, decretar confisco de bens por enriquecimento ilícito e suspender o direito de habeas corpus para crimes políticos.³⁴” Regras que limitavam, aos meios de comunicação (rádio, jornal e televisão), os conteúdos divulgados para os cidadãos, conhecido por AI-5. Contudo, não pretendo aqui discutir o como os meios de comunicação foram censurados, mas sim trazer a luz da discussão como os

³² Jornalista, mestre em Comunicação (Universidade São Marcos-SP), doutoranda em Linguística (UFMG), professora do curso de Jornalismo do Uni-BH (Centro Universitário de Belo Horizonte) e coordenadora do curso de especialização “Criação e Produção em Mídia Eletrônica: Rádio e TV” do Uni-BH.

³³ Historiadora, especializada em Educação, Corporação e Desenvolvimento (Universidade do Minho- Braga - Portugal).

³⁴ Ato Institucional Nº 5, 13 de dezembro de 1968.

personagens que trabalhavam nesses meios se sentiam e conviviam com a censura. Mais especificamente, buscarei analisar o papel do homem e da mulher no meio radiofônico no período em que o AI-5 vigorou (1968-1978) - o que vai além do período proposto para este trabalho, mas que traz uma riqueza do contexto pelo qual o profissional das rádios vivenciaram e que criou questões a respeito do seu papel social. Num mundo onde os homens hoje, ao contrário do período aqui proposto, já não são maioria, na época do regime militar, qual o papel da mulher nos programas de rádio? As mulheres eram censuradas de igual forma que os homens pelos órgãos fiscalizadores? Com essas e outras perguntas que poderão surgir no decorrer deste estudo, buscarei analisar o gênero dentro dos programas de rádio, analisando os ofícios que, normalmente, homens e mulheres exerciam observando quais as formas de repressão estas/es eram submetidos, pois segundo a professora Sueli Anacleto em depoimento a Gloria Alejandra “muitas pessoas não perceberam que estávamos numa ditadura”.³⁵

Para José Lino Souza Barros, em texto intitulado *Liberdade, abra as asas sobre nós*, escrito e analisado pelas

³⁵ FÁVERI, Marlene de. **Irene de Souza Boemer: dama do rádio – cronista da cidade**. Marlene de Fáveri e Gloria Alejandra Guarnazo Luna. Itajaí. Editora Maria do Cais, 2008, pg. 138.

autoras Nair Prata e Glória Castelhana³⁶, descreve algumas das formas de perseguição e vigilância em que as/os radialistas eram submetidos. Segundo José, houve neste período a presença de pessoas ligadas ao governo, chamados de censores, que faziam recortes em todas as reportagens que presenciavam ou pensavam haver alguma conotação com a subversão da ordem “e subversão era sinônimo de xadrez mesmo. Cana dura. Não tinha meu pé me dói”, nas palavras dele. Sua narrativa continua descrevendo alguns dos acontecimentos que marcaram sua carreira de radialista. Diz ele:

Neste tempo trabalhou aqui o Ruiteir Miranda, o Periquito, que foi vítima de uma brincadeira, aliás, muito sem graça para a ocasião. Alguém chegou e cochichou para o Periquito que um ex-deputado cassado e preso havia sido espancado na prisão e a notícia foi ao ar. O Periquito só não foi preso porque, por cúmulo da sorte, ele desceu as escadas para ir embora cruzando com os militares que vinham pegá-lo.³⁷

Além da perseguição profissional devido a censura, José relata que os radialistas sofriam com frequência o medo de

³⁶ BARROS, José Lino Souza. **Liberdade, abra as asas sobre nós**. In: CASTELHANO, Glória; PRATA, Nair. **Ditadura, censura e o rádio: uma história de semelhanças entre Brasil e Portugal**. 2006. Artigo produzido em Portugal, durante estágio de doutoramento na Universidade do Moinho, na cidade de Braga, com bolsa de estudos concedida pela CAPES.

³⁷ CASTELHANO, PRATA; idem, 2006, p. 6.

perderem seus empregos devido aos vários processos colocados contra estes profissionais. Relata que numa dada ocasião, Marco Antônio França, jornalista da emissora Itaipava, noticiou uma matéria da agência JB (Rádio Jornal do Brasil) e a censura bateu na porta das duas emissoras. "Processo em todo mundo", e com isso mostrou a atitude das empresas perante o episódio, afirmando que "a JB não quis nem saber e dispensou todo mundo no ato ou, pra usar o termo da época, botou todo mundo na rua." Por outro lado, na emissora Itaipava, "o diretor presidente Januário Carneiro, tomou atitude diferente e defendeu com unhas e dentes o pessoal da casa. Mas passou a angústia e, felizmente, todo mundo saiu livre."³⁸

Para José a tortura era muito mais psicológica do que propriamente física. O medo de expressar uma determinada linha ideológica ou mesmo uma informação equivocada era motivo de ser processado, ficando ao cargo dos donos das emissoras optarem em acatar o caso ou despejar o acusado para não sofrerem com os "censores". Da mesma linha, a entrevista³⁹ concedida por Nelson Padilha⁴⁰ relata que as emissoras de rádio prestavam contas, para os censores, das matérias que iam ao ar. Para ele não havia liberdade de informação e o emprego dos radialistas sempre ficavam beirando a rua. O papel dos homens

³⁸ Ibidem, p. 6.

³⁹ Entrevista com Nelson Padilha realizada em 04/10/2013.

⁴⁰ Nelson Padilha trabalhou como operador de mesa e responsável pela sonoplastia em rádio novelas pela emissora Diário da Manhã durante 15 anos (1965-1980). Atualmente é musicista na banda Stagium 10.

nas emissoras de rádio era variado: desde locutor jornalístico até técnico de mesa de som ou sonoplasta para as radionovelas, como nos relata Padilha. Às mulheres de Florianópolis, pelo fato de haver na sociedade da época a ideia de que mulher exemplar não trabalha fora, ficava basicamente o papel de locutoras de radionovelas ou cantoras. As décadas de 1960 e 1970 marcam o início do ingresso das mulheres de Florianópolis nesse mercado de trabalho. Nas palavras de Nelson Padilha “a mulher era muito presa, nada não pode. Pra teres uma ideia. A primeira mulher a cantar num palco foi na Stagium!⁴¹ As duas eram irmã do Zezinho... Deus o livre mulheres no palco”. Aqui podemos perceber como a mulher era vista pela sociedade da época, ou melhor, como as mulheres deviam se portar perante a sociedade para serem “bem vistas”. A censura foi muito mais forte por parte da sociedade do que pelos órgãos fiscalizadores. Mas para tratar do papel da mulher no rádio, trago para esse trabalho o livro escrito por Gloria Alejandra Guarnizo Luna e Marlene de Fáveri, e que, de maneira singular, trataram da vida de uma das personalidades catarinense que se destacou nos meios da

⁴¹ A STAGIUM 10 é hoje conhecida no espaço de bailes e eventos dançantes em geral. Formada no Clube 12 de Agosto por volta de 1974 crescendo normalmente como todo empreendimento comum. A administração empresarial e artística sempre foi exercida pelo Músico José Ribeiro, mais conhecido no seu campo de atividade, como Maestro Zezinho.

comunicação radiofônica, *Irene de Souza Boemer*. Este livro traz para o leitor recortes da trajetória da vida de Irene Boemer, seja por fotos ou entrevistas concedidas. Começou a trabalhar no rádio em 1947 e numa das entrevistas concedidas ao jornal *Tribuna de Itajaí* (09 de março de 1995) ela relata de seus afazeres no rádio. Segundo ela trabalhou como locutora, técnica de som, além de trabalhar no rádio teatro e quando necessário “chegava até a varrer quando o menino faltava”, nas falas dela. Mas sua maior marca foi o programa jornalístico “Suplemento Feminino”, onde durante trinta e dois anos esteve em contato com o público (principalmente feminino) divulgando informações. Nas palavras das autoras do livro “Irene estava casada fazia uma década e voltou ao trabalho, indicando uma ousadia para a época, ainda mais num lugar dito de homens, espaço público por excelência, com a voz exposta – 'Mario não se opôs', disse ela, "pelo contrário, me acompanhava, dava força"⁴². Se analisarmos o próprio título de seu programa, poderemos perceber que havia a falta da voz feminina no suporte das emissoras de rádio, sendo um programa que propunha suprir essa falta. Pelo fato de ser mulher tinha algumas facilidades como no caso descrito da entrevista com Roberto Carlos em relação à qual o ouvinte Helio Leôncio Junior comenta que “ela

⁴² FÁVERI. M. op. cit., p. 117.

foi a primeira pessoa da imprensa a ter contato com o cantor, e, pelo fato de ser mulher, conseguiu entrar primeiro no camarim"⁴³. Esse tipo de serviço prestado pela mulher, era tido com preconceito na sociedade, porém dentro da emissora ganhava algumas facilidades. Seu programa por mais que fosse de entretenimento e informação dos eventos que aconteciam na cidade passava pela censura, cabendo, na época, ao diretor da Rádio Difusora Célio Fôes encaminhar a programação de musicas e reportagens jornalísticas a ser autorizada as transmissões, pelo órgão federal de fiscalização. Como Irene não demonstrava, em seu programa, ideologias de partidos e era conhecida e reconhecida pelos poderes locais acabava mantendo seu programa bem visto pelo censor. Fato é que ela quebrou barreiras colocadas pela sociedade e pelo regime militar de forma menos violenta com um toque de persuasão, seja ela em dar dicas de moda, saúde, eventos culturais, comentando as festas em que era convidada, ou até mesmo suas viagens que fazia pelo Brasil e mundo afora.

Dentro dos dez anos que os meios de comunicação, presenciaram a ação do Ato Institucional nº 5, o maior censor do

⁴³ Conversa informal com Helio Leôncio Junior, professor e restaurador em Itajaí com G. Alejandra G. Luna em fevereiro de 2007. *In*: FÁVERI, M. op. cit., p. 132.

papel profissional das mulheres no rádio foram as pessoas que compunham a sociedade a qual o serviços prestados pelas emissoras faziam parte. O AI-5 trabalhou nos meios de comunicação, muito mais no silêncio do que com estouros de bombas de efeito ou força bruta. A autocensura, o medo de perder o emprego, foi a arma mais eficaz dos censores entre os protagonistas dos programas de rádio entre 1968 -1978. A mulher profissional discriminada e mal vista pela sociedade inibindo a ascensão destas neste ramo de trabalho, pois além de ser um mundo majoritariamente masculino era um serviço popular, de muita exposição e que não era aceito para uma “mulher de bem”. As barreiras aos poucos foram sendo superadas. O AI-5 termina em 1978 deixando a esperança de dias menos temerosos para as/os radialistas.

Capítulo 3

As Vozes por Trás do Microfone de Florianópolis

A Florianópolis, dita moderna, precisou ser assim reconhecida pelos sujeitos que a habitavam. [...] a "modernização" dos seus habitantes ocorreu como experiência particular de

adestramento do seu olhar para ver e assimilar a novidade.⁴⁴

Procurando compreender mais de Florianópolis, no período de motivação à modernização e ao progresso, fui de encontro com pessoas que trabalharam nas principais emissoras de radiocomunicação da capital catarinense. A produção de uma cultura dita moderna emitida pelo rádio, compreendo que, antes de chegar aos ouvidos dos consumidores precisava convencer aqueles que as produzia.

Sobre as disposições de trabalho colocados, o profissional do rádio, assim como um artista plástico, ficavam na dependência da qualidade das ferramentas de trabalho. Com relação a isso, folheando alguns dos jornais de Santa Catarina disponíveis na biblioteca pública estadual encontrei propagandas que visavam ao interessado comprador as qualidades do bom aparelho aliado ao luxo de se ter em casa um objeto que lhe dava status social. O recorte é do jornal A Gazeta impresso no ano de 1955 no mês de janeiro. Publicação da RCA Victor, que se considerava líder mundial em rádios e discos,

⁴⁴ Sant'Anna, Maria Rúbia. In: FLORES, 2006, p. 180. (Texto modificado, apresentado originalmente na tese Novas sociabilidade urbanas em Florianópolis de 1950 a 1970, pelo Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005).

concebe o rádio como um companheiro. Um companheiro com qualidades fora do comum, como podemos ver a forma como o texto de sua propaganda nos mostra: "Para você, que vive onde não há eletricidade, eis aqui um grande companheiro. BA-43. O novo rádio de acumulador de. 6volts. RCA Victor. Notícias, Músicas, Alegria! Você terá tudo o que o rádio proporciona, na voz clara e firme deste novo e magnífico (grifo meu) aparelho da RCA Victor." Quer dizer, não é qualquer aparelho, ele é distinto dos demais existentes, até mesmo dos seus antecessores. Era o gosto pela inovação, da melhora, do esquecimento do anterior, visto como sucata. Mas a propaganda não acaba aqui ela continua dizendo mais sobre o aparelho: "Belo, em sua caixa de imbuía bem trabalhada, extraordinário... Em suas partes técnicas, consome menos energia... Isso significa muito mais horas de satisfação para você." Aqui a propaganda, mais uma vez, apela para o público alvo. Além de focar nas pessoas que moravam em lugares onde havia pouca energia, ou a falta dela, o que coloca Florianópolis em foco, pois como Ricardo Medeiros, Antunes Severo e Nelson Padilha relatam era comum a falta de energia na ilha, esse rádio era produzido com imbuía, material nobre na confecção de móveis para casas dos mais ricos, o que certamente restringia mais ainda seu público consumidor. Creio ser interessante apontar o desenho que foi

feito para essa propaganda. Como podemos ver a figura reporta a uma mulher sentada de pernas cruzadas, lendo alguma coisa sob um lampião. Essa escolha não foi uma escolha qualquer. Numa sociedade onde as mulheres começam a criar espaços de trabalhos tornando-se mais independentes financeiramente, com escolarização e sendo reconhecidas, mesmo de forma ligeira em muitos lugares, como profissionais em vários campos de trabalho, a propaganda apela também para a satisfação feminina mostrando "virilidade" de seu "companheiro extraordinário" que lhe dá prazer por mais tempo.

Essa questão da conquista e da igualdade no local de trabalho foi comentado pelo Nelson Padilha ao afirmar que a primeira moça a colocar o pé num palco foi a irmã de José Ribeiro, mais conhecido como maestro Zezinho, que na época participavam da banda que tocava na rádio Diário da Manhã, onde estas empresas viam a mulher como consumidoras dos seus produtos.

Vivendo, aprendendo e criando um Broadcast

Muitas vezes apenas pensamos que são as emissoras que produzem a cultura e esquecemos que existem pessoas do outro lado pensando e fazendo, dentro das condições de trabalho, o que acham melhor transmitir. Em Florianópolis nos anos de

1950 e 1960 não havia uma escola de jornalismo nem de rádio-teatro pela iniciativa das emissoras nem haviam faculdades para criar um profissional do ramo radiofônico. Segundo Nelson Padilha a maneira que se tinha de aprender a lidar com as ferramentas de seu trabalho era o manusear e a observação daqueles que já trabalhavam por mais tempo no ramo. Em muitos casos, Padilha comenta que retransmitia programas produzidos em outras emissoras e de outros estados.

...aaaa era o seguinte, os noticiários a gente gravava da Globo (da Tupy) era gravado... aí eles pegavam, era assim óh, era um rádio grande, eles tinham um rádio de guerra, eles usavam naquela época na guerra de 40. Eeeee tinha não sei quantas faixas, era enorme! Era num rolo e pega tudo ali. E tinha um gravador do lado que era acoplado nesse rádio e gravava a notícia: Repórter Esso... 'Pá' e gravava. Aquele gravador tinha pedal. Era assim tinha um pedal, gravava a notícia... Vamos redigir um pouquinho agora: "Rio de Janeiro o governador Carlos Lacerda..." Grava com o pé aqui no pedal. o governador blablabla (murmúrio) era tudo assim!⁴⁵

Ao pensar em algum programa de rádio, me vem a cabeça, pois já tive a oportunidade de participar de programas de rádio, um estúdio com microfones e um vidro que separa o radialista do técnico da mesa de som. Um local tranquilo e sem muito mistério, após o sinal de início do programa a pessoa fala

⁴⁵ Entrevista com Nelson Padilha realizada em 04/10/2013.

ao microfone imaginando estar sendo ouvido por pessoas em diversos lugares. Mas isso foi a pouco tempo, onde a tecnologia eletrônica prepondera e facilita a produção dos programas e a comunicação entre radialista e ouvinte. Mas quando propus olhar mais de cinquenta anos antes do que vivenciei e propor compreender como funcionava os mecanismos de produção e emissão dos programas de rádio entrevistei Nelson Padilha⁴⁶. Perguntei para ele como eram produzidos os programas de rádio onde ele trabalhava. Numa euforia ele foi tecendo alguns dos detalhes dos mecanismos de gravação de um programa até sua emissão nas ondas do rádio. Neste recorte citado acima eles nos ilustra um momento de uma gravação de um programa "Repórter Esso", irradiado pela Tupy do Rio de Janeiro. Para ele esses momentos eram de apreensão, pois precisava-se de precisão e de aplicação. Na corrida de conseguir mais ouvintes e com isso mais patrocínios, ele me conta que não foram poucas as vezes que madrugava para pegar as informações mais esperadas pela população de Florianópolis, como os colocados dos concursos nacionais que aconteciam no Rio de Janeiro e São Paulo. Isso nos da outra perspectiva sobre a produção dos programas e até mesmo da linguagem utilizado dentro do rádio. Uma produção

⁴⁶ Nelson Padilha foi operador de rádio por 15 anos. Trabalhou na Diário da Manhã na década de 1960 e 1970.

dinâmica e muitas vezes de sacrifícios das pessoas envolvidas o que Nelson Padilha chamou de "polivalentes". Pessoas que executavam várias tarefas em prol da informação que interessa ao ouvinte. Nelson Padilha foi um desses profissionais polivalentes que atuando como operador de mesa teve de entrar no mundo da sonoplastia muitas vezes. Com relação a isso afirma:

Porque na rádio o seguinte, tinha locutor que fazia, ou fazia o ator principal que era o protagonista, tinha a atriz que era a locutoras que fazia a mocinha da novela, é era assim, era tudo polivalente. Eeeee eu por exemplo, fiz muita sonoplastia. O que é sonoplastia? Você sabe o que é sonoplastia neh? [...] os efeitos de chuva, de cavalo trotando tal (bate na mesa para mostrar como era o som de um cavalo trotando)⁴⁷

Interessante notar que, mesmo sabendo que os papéis dentro do rádio das emissoras referência na época, Rio de Janeiro e São Paulo, que tinham seus elencos específicos para cada função, ele via o profissionalismo na "polivalencia" dos funcionários das emissoras de Florianópolis. Para Padilha ser

⁴⁷ Entrevista com Nelson Padilha realizada em 04/10/2013.

profissional, o especialista do rádio devia saber fazer de tudo um pouco, por mais que tivesse uma área de atuação determinada.

Pontos de Vista

Vivemos o tempo dos objetos: quero dizer que existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente. Actualmente somos nós que os vemos nascer, produzir-se e morrer, ao passo que em todas as outras civilizações anteriores eram os objetos, instrumentos ou monumentos perenes, que sobreviviam às gerações humanas.⁴⁸

Velocidade, técnica, inovação e informação, foram características que marcam a sociedade do século XX. Ao afirmar que as pessoas assistem e contam em suas relações com o nascimento, desenvolvimento e morte dos objetos que usam ou convivem, Baudrillard procurou explicar que, o ser humano constrói objetos que tornam-se ferramentas que recriam o sentido da natureza e faz com que tornem-se dependentes destas ferramentas para interagir com seu meio e criar significados para si. Mais do que significados individuais, os objetos tornaram-se,

⁴⁸ BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de consumo**. Editora Edições 70. São Paulo. 1981, p. 15.

com a industrialização, uma das formas mais eficazes de domínio e poder, criando, assim, significados e valores de status social. As emissoras de rádio em Florianópolis nasceram desta perspectiva de domínio, interação com o meio social e as profissões. No jornal Diário da Manhã uma manchete destaca a relação do rádio com seu meio e os profissionais envolvidos:

o rádio-repórter ocupa lugar de destaque na radiofonia nacional, inaugurando uma fase revolucionária no setor da imprensa falada. Intimamente ligados entre si, o rádio e a imprensa constituem uma poderosa cadeia de informação, um bom sonoplasta é indispensável à transmissão perfeita de uma reportagem radiofônica. (Jornal Diário da Manhã, 4 de dezembro de 1957, pg. 12)

Esta manchete introduz uma reportagem que homenageia a dois profissionais da rádio Guarujá de Florianópolis. Nazareno Coelho e Oscar Vieira Filho foram congratulados com os prêmios de melhor Rádio-repórter e melhor Sonoplasta respectivamente. Para o jornal os dois foram honrosamente premiados pelo reconhecimento de seus "invulgares conhecimentos técnicos no campo radiofônico, que, vem introduzindo no Rádio catarinense inovações que se podem equiparar aos mais adiantados centros da imprensa falada no país." (Diário da Manhã, 1957, pg. 12, 4ª coluna). Um trabalho

que permeava o pensamento modernizador e que pensava no seu desenvolvimento técnico. Ao se tratar dos meios de comunicação em massa, o rádio ganha prestígio neste cenário, pois era no momento a novidade mais recentes. Segundo Padilha, os programas eram criados pensando no seu público consumidor e para cada momento do dia havia um determinado programa, com uma determinada linguagem e com um determinado assunto. No caso do "programa 'A hora de despertar' era um público de classe, classe.. classe trabalhadora, que acordava para ir trabalhar. Já o noticiário tinha um público, um público mais classe A, nas notícias. Novelas já um público popular."⁴⁹ Mas ao conversar com um ex radialista das décadas de 1950 e 1960 de Florianópolis, percebi que, antes de mais nada, estava conversando com um ouvinte que levava para dentro dos programas suas percepções de mundo, seus valores criados durante a vida fora dos microfones e que inferia sobre a função e papel de um profissional. Isso podemos perceber conversando com Nelson Padilha que, afirma ter usado seu gosto musical na produção de um programa, na tentativa de aumentar o público ouvinte nas noites dos finais de semana. Para compreender um pouco mais os trabalhos realizados dentro das emissoras. o que é rádio e como seu programa atingiria mais

⁴⁹ Entrevista com Nelson Padilha realizada em 04/10/2013.

ouvintes (sejam eles, amigos, parentes, ou desconhecidos), minhas perguntas foram dirigidas aos entrevistados de forma que abordasse três eixos, que acredito serem necessários para esta pesquisa: entrevistado enquanto ouvinte; entrevistado enquanto profissional e sua visão de mundo. Segundo esta perspectiva, nos documentos e nos dizeres destes entrevistados (trabalhadores das emissoras de radiotransmissão em Florianópolis nas décadas de 1950 a 1960), cientes de si mesmos como pivôs da manutenção da ordem estabelecida através do rádio e preocupados com o vazio que deixariam se parassem ou meramente relaxassem em suas funções⁵⁰, podemos perceber que o sistema de comunicação via rádio, era a materialização do ideal do avanço da modernidade. Como tal, estava fadado a ser ultrapassado, mas que no momento foi o veículo de inspiração e originalidade de expressão que as pessoas podiam imprimir no tempo e espaço.

Antunes Severo

Tendo o prazer de conversar com Antunes Severo, um radialista deste período em Florianópolis, ele comenta⁵¹ um

⁵⁰ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e ambivalência. Tradução: Marcus Panchel. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 1999. p. 12.

⁵¹ Entrevista de Antunes Severo realizada em 29/11/2013.

pouco de sua trajetória de vida e seu desenvolvimento profissional nas emissoras de rádio no sul do Brasil, descrevendo as dificuldades que teve de superar para trabalhar, seu gosto pessoal como ouvinte, suas idas e vindas até chegar na Diário da Manhã que, para ele, foi constituída com os instrumentos mais modernos que haviam no mercado mundial. Para essa estação (Diário da Manhã) foram importados os aparelhos da Holanda e EUA, disponibilizara de um auditório com capacidade para mais ou menos 250 pessoas sentadas e um sistema de produção e irradiação nos padrões de referência da época. Não por menos que procurou aventurar-se saindo de Curitiba para vir à Florianópolis, na busca de melhores condições de trabalho. Em sua trajetória nas emissoras de várias localidades trabalhou em diversas áreas buscando aprimorar as técnicas de locução. Ele conheceu o rádio quando criança (entre nove e dez anos de idade) por iniciativa de seu padrasto ao comprar os aparelhos necessários para ter um rádio em sua fazenda. Um aparelho de rádio (receptor), bateria automotiva e um cata-vento para alimentar a bateria. Na época, mesmo sem compreender muito bem as coisas, tudo o que ouvia era interessante, as músicas, os noticiários, pois era o único aparelho na região. Mas depois de crescido seus ouvidos foram acostumando a escutar músicas regionais. A curiosidade em saber quem fala e como falava com

ele pelo rádio e a vontade em mudar de vida o levou a mudar de cidade e conhecer os bastidores do rádio. Foi na cidade de Rosário, aos dezessete anos de idade que ele foi sendo introduzido ao mundo radiofônico, foi onde conheceu o toca disco, o microfone e as técnicas de trabalhar dentro do rádio. Uma das principais barreiras a ser superada por ele foi o analfabetismo para poder ler os anúncios e programas. Com muito incentivo e determinação Severo aprende a ler o básico com seus colegas do rádio. Atingindo a maioridade, fez seu alistamento militar e, durante seu período no exército o departamento de engenharia e comunicação foi seu meio de atuação. Por onde passava, comenta Severo, buscava fazer amizades com as pessoas que trabalhavam na programas de rádio. Até que chegando em Rio Negro (PR), conheceu o dono da estação de rádio local, o seu França. Com ele recebeu a proposta de trabalho no rádio dele e, vendo a possibilidade de trabalhar profissionalmente, pediu baixa no quartel. Segundo Antunes, ingressou no ramo radiofônico no ano de 1953 na rádio Rio Negro, no estado do Paraná. Em suas falas percebe-se que, para ele, trabalhar no rádio era mais que um trabalho, era um sonho realizado. As coisas em sua volta ganhavam sentido. No meio do rádio aprender a ler e escrever, descobriu um novo jeito

de ver o que tinha em sua volta e viu a possibilidade de crescer neste meio.

Nessa caminhada, antes de vir morar em Florianópolis, parou em Curitiba e foi trabalhar como repórter externo. Capital do Estado do Paraná, chegou em 1954, bem no período da eleição à prefeito de Curitiba. Aqui Severo nos ilustra um pouco do trabalho de um repórter externo. Sua função era saber o que os eleitores estavam pensando sobre a escolha de um prefeito para aquela cidade. Para isso, ele é mais um operador de som, carregavam num taxi uma caixa grande com um gravador até o local escolhido. Lá eles procuravam algum local (bar) que autorizasse a utilização de energia para ligar o aparelho. Feito isso, a outra etapa era desenrolar um fio para o microfone que variava seu tamanho de 50 metros até 100 metros, para que pudesse se locomover e entrevistar as pessoas na rua. Segundo ele haviam na capital paranaense três estações de rádio que eram muito sintonizadas e que disputavam o público ouvinte, isso fazia com eu as pessoas facilitassem o trabalho externo das emissoras. Importante frisar aqui que, a emissora aqui relatada, para conseguir realizar uma reportagem eleitoral, dependia da boa vontade dos donos dos estabelecimentos para prover a energia para os aparelhos da emissora. Além disso, Severo deixa claro na entrevista que o peso dos aparelhos era outro fator que

complicava seu trabalho. Mas essa quantidade grande de cabo para o microfone lhe dava bastante autonomia para realizar suas entrevistas. Desse trabalho externo resultou a ele uma projeção muito forte, pois suas estatísticas eleitorais foram se confirmando, ao ponto de ser pressionado pelo "gerente e dono da rádio" a alterar os resultados, alegando que "os políticos tradicionais estão precisando a rádio aqui...". Sua resposta foi a seguinte: "seu Bilu, vc sabe que nosso trabalho está sendo feito com seriedade e nós vamos continuar, porque temos só mais duas semanas pela frente."⁵²

Até aqui temos alguns pontos a frisar. Por exemplo, a massificação dos aparelhos receptores das ondas hertzianas. A aceitação e a normalização do convívio com aparelhos e profissionais nas ruas da cidade nos indica o poder de penetração desse meio de comunicação na sociedade. Outro ponto é a relação dos profissionais das emissoras de rádio com os aparelhos de trabalho. Para ele a função de carregar pesos e volumes grandes era parte do seu trabalho e isso lhe dava facilidade em caminhar pelos espaços da cidade e essa liberdade de locomoção acabava imprimindo uma relação diferenciada com os aparelhos. Apenas com um microfone em mãos, e os cuidados com o gravador ficando com seu companheiro de

⁵² Entrevista com Antunes Severo realizada em 29/11/2013.

trabalho, competia a ele apenas técnicas de locução e abordagem ao público. Esse conhecimento em lidar com o público o favoreceu profissionalmente, fazendo-o ter um próprio programa de auditório em outra emissora de rádio, a rádio Clube Paranaense (principal emissora de Curitiba e a terceira maior emissora do Brasil⁵³), onde tornou-se, em um ano, o melhor animador da rádio Paranaense. Ao conseguir tal feito, toma a iniciativa, em 1956, de mudar-se para Florianópolis. Outro ponto é a quantidade de fio para o repórter poder se locomover com o microfone. O próprio Antunes descreve essa quantia impressionado, mas alegava ser importante para seu trabalho e que lhe dava mais liberdade de caminhar em locais públicos.

Antunes Severo vai descer para Florianópolis depois de escutar numa noite de Curitiba, em 1956, os programas irradiados pela rádio Diário da Manhã, através das ondas curtas que possibilitava, na época, sua propagação em todo o território nacional. Para Severo, além de dispor de vários programas (radionovela, programas de auditório, noticiários), tinha uma qualidade de locução de padrão nacional. Querendo conhecer mais de perto a emissora, e objetivando sua ascensão profissional⁵⁴ teve a oportunidade de se encontrar com Francisco

⁵³ Entrevista com Antunes Severo em 29/11/2013.

⁵⁴ Idem, realizada em 20/10/2014.

Mascarenhas, na época dono da emissora em Florianópolis, e nesse encontro combinaram de se encontrarem na capital catarinense. Viagem que levou, segundo Antunes, perto de 12 horas, pois a estrada não era asfaltada. Mas todo esse esforço parece que valeu a pena, pois chegando em Florianópolis, no outro dia já estava contratado e com carteira assinada. A capital catarinense, relata, era uma capital com estilo pacato de viver, mas que a rádio Diário da Manhã, estava dentro dos moldes de uma emissora de alto nível profissional. Auditórios com capacidade para mais de 200 pessoas, aparelhos da empresa Philips importados da Holanda, programas fixos e com linguagens padronizados, apoio financeiros de empresas e de políticos que facilitavam suas repercussões. Mesmo com toda uma estrutura e com aparelhos de comunicação mais modernos ainda estava tudo por fazer.

Já trabalhando na rádio, suas primeiras funções dadas foram de locutor de notícias e, por seu conhecimento na área, logo foi trabalhar com novelas. Para isso suas ferramentas de trabalho eram basicamente a voz (impostação da voz)⁵⁵, o

⁵⁵ A maneira como a voz é emitida (velocidade, timbre, impostação, extensão das palavras, tempo de pausa entre as palavras e respiração) é modificada conforme o local. No caso do estúdio as falas aconteciam de forma mais branda, com timbre mais suave e com voz mais impostada, enfatizando muito cada palavra, valorizando as pausas e ênfases. Tudo para marcar e cativar a atenção do ouvinte. (Entrevista com Antunes Severo em 20/10/2014).

microfone e o bom relacionamento com os operadores de mesa de som. Para Severo o bom relacionamento (confiança) e a compreensão das linguagens visuais para um bom entrosamento, e assim, a elevação do nível de trabalho eram fundamentais para quem trabalhava no rádio.⁵⁶ Nesse momento, lembra que conheceu Adolfo Ziguelli⁵⁷ e que, o que mais lhe chamava a atenção neste companheiro de trabalho era a forma de este radialista trabalhava, o manejo de Ziguelli com as informações jornalísticas e políticas era uma novidade, pois, nas palavras de Severo, "conceito de respeito com a informação... o comentário político que ele (Ziguelli) lia e a notícia que ele lia, eram coisas completamente diferentes."⁵⁸ Antunes Severo busca juntar forças com Ziguelli para criar um departamento jornalístico dentro da emissora. Segundo comentário, nesse período a Diário da Manhã não desenvolvia nenhum procedimento de criar

⁵⁶ Para Antunes Severo, o termo mais correto para descrever seu trabalho na emissora de rádio Diário da Manhã é "família". As relações passavam do âmbito da profissão ao lembrar que na época ele é mais quatro homens, que trabalhavam na emissora, moravam juntos. (Entrevista com Antunes Severo em 20/10/2014).

⁵⁷ Segundo Severo, foi Adolfo Ziguelli que implantou o modelo de rádio-jornalismo que vigorou na Diário da Manhã e toureou-se o modelo mais aceito por outras emissoras em Santa Catarina. Também era com ele que Severo normalmente gravava efeitos sonoros, programas e propagandas. (Entrevista com Antunes Severo em 20/10/2014).

⁵⁸ Entrevista com Antunes Severo realizada em 05/05/2014.

notícias, "o noticiário antes da vinda do Ziguelli era a leitura direta do Diário Oficial".⁵⁹ Para criar este departamento jornalístico na emissora, Severo comenta sobre o esforço e as transformações feitas, ou encabeçadas por eles. Entraram no sindicato que "era um bando de gente que não tinha nada haver com jornalismo" e com algumas mudanças de abordagem criaram o departamento de rádio-jornalismo na Diário da Manhã aonde "Ziguelli capitaneava a parte de jornalismo e eu (Antunes Severo) a parte de esportes" somado a isso o potencial tecnológico e profissional de seus companheiros da rádio e de outras cidades criaram uma rede de rádio jornalismo da emissora em Florianópolis. Quanto ao desenvolvimento técnico de falar ao microfone, Severo afirma ser autodidata, e lembra do esforço efetuado, com seus amigos, para aprender a ler e desenvolver a prática de leitura em voz alta. As emissoras, e até mesmo a cidade como um todo, não dispunha de escolas profissionalizantes nas áreas jornalismo e rádio comunicação. Conquista que ocorrerá anos mais tarde, já na década de 1970, pela UDESC. As técnicas de falar ao microfone foram adquiridas no transcorrer dos programas, onde ele e seus colegas procuravam melhorar e adquirir novas habilidades. Quando perguntado sobre a qualidade do microfone e cabos na

⁵⁹ Ibidem.

performace, Severo coloca que cada microfone tem sua singularidade, não havendo o mesmo padrão de reprodução⁶⁰ e, que caberia aos cabos e mesa amplificadora minimizar a perda da qualidade do som. A forma de soltar a voz no microfone, com o microfone ao lado e não muito próximo da boca para o vento, advindos das palavras e termos com impacto, não bater muito forte no captador, eram maneiras de melhor usufruir das qualidades do microfone. Ao comentar essas coisas, afirmou que estes conhecimentos que recebia do técnico de som, deixava-o mais à vontade para explorar os limites dos aparelhos e com isso lhe dava outros sentidos e percepções de trabalho. Disso também comenta outro ponto interessante, o da equalização do som. A funções de ganho das frequências agudas, graves e médias dos sons não competia ao operador da mesa de som, que regulava apenas o volume dos canais de saída, mas sim ao técnico de transmissores da emissora de rádio. Esse "afinamento" acontecia nas madrugadas junto com as revisões periódicas, depois que a emissora fechava, onde comenta Severo: "depois que fechava a emissora, isso meia noite, o técnico Lorival já estava na antena

⁶⁰ Sobre o microfone, ainda aponta para a importância da capacidade de captação de sons com ondas maiores e menores que as da voz, pois também precisava captar ondas de instrumentos musicais e de efeitos. Mas eram conhecimentos não pensáveis, segundo Severo, numa quase totalidade dos seus companheiros de trabalho.

fazendo as revisões, [...] e disso, colocava um disco a tocar". Enquanto a música tocava, os dois ficavam conversando e percebendo o melhor som emitido, "diminui um pouco....está com excesso de agudo".⁶¹ No que refere a qualidade do som, perguntei se cabos muito extensos de transmissão não faziam perder a qualidade do som. Severo afirmou que sim, mas que a Diário da Manhã não utilizava os cabos de telefone - que permitem transmitir sons com até 3 mil ciclos - mas sim um par de cabos específicos da emissora até ao morro do Antão (Morro da Cruz). Aqui podemos perceber a forma e as melhorias alcançadas pelo homem para se comunicar. Não mais necessitavam usar os cabos dos telefones, e ainda conseguiam ganhos na emissão de sons mais graves e mais agudos. Mais do que conquistas, um intercâmbio mundial, pois como afirmou, na época a empresa Phillips (holandesa), uma das grandes empresas a nível mundial no que se referia a comunicação por rádio, estava sendo implantada no Brasil e a Diário da Manhã havia adquirido esses novos produtos no mercado. Ao ser questionado sobre a influência de suas reportagens e dos programas que participou pela Diário da Manhã, Antunes Severo é incisivo em afirmar que Florianópolis não vivia uma rotina de cidade grande, com apagões freqüentes que retirava as rádios do ar, trânsito

⁶¹ Entrevista com Antunes Severo realizada em 20/10/2014.

confuso, e uma má fama de cidade de funcionários públicos e de "pessoas pacatas" e isso dificultava até o seu relacionamento com as pessoas, alegando ser difícil perceber suas idéias permear as conversas dos ouvintes transeuntes. Mas, passado o tempo, a rádio diário da manhã ganha mais destaques e sua influência é mais percebida, ao ponto de "as pessoas gostariam de estar fazendo aquilo, mas não faziam enquanto a rádio não fizesse". O rádio torna-se, na interpretação de Severo, o "símbolo de uma época... da mesma forma que a ponte era um símbolo da mesma forma com a Diário da Manhã." O rádio de Florianópolis tornou-se num curto espaço de tempo uma referência no Brasil. Essa afirmação Antunes Severo justifica ao relatar que pelo excelente trabalho de rádio novela com pessoas locais.⁶² Mesmo não tendo, logo de início, esse reconhecimento profissional, relata que, em pleno período de censura política, antes mesmo da censura por parte da ditadura pós 1964, pois estamos falando ainda do final da década de 1950, as emissoras de rádio tinham apadrinhamentos com políticos locais fazendo com que eles (os trabalhadores do rádio) buscassem nos programas humorísticos,

⁶² Essa disputa entre novelas criadas e/ou narradas por profissionais locais é melhor comentada no livro *Na onda do progresso: o papel do Rádio no desenvolvimento do Rio Grande do Sul*, organizado por Luís Touguinha Thomé, onde relata a dificuldade de uma autora colocar no ar a novela "Dois Pedacos de Céu", de 150 capítulos no período da tarde num programa patrocinado pelas empresas Gessy-Lever e Colgate-Palmolive.

de auditório, ou mesmo nos jornais, se "autocensurarem", uma prática comum dentro do rádio. Ao perguntar de onde vinham as pessoas que formavam o cast da rádio Diário da Manhã, Severo relata que a maioria vinha da outra emissora, a rádio Guarujá. Falando em rádio Guarujá, Antunes Severo descreve essa emissora, como o berço das rádios em Florianópolis e nas regiões próximas. Foi ela que enfrentou as maiores dificuldades de conseguir aparelhos, de possuir bons profissionais nas diversas áreas de atuação e, dela foram sendo concebidos os bons profissionais que formavam o conjunto do cast de outras emissoras e principalmente da Rádio Diário da Manhã, tanto no que se refere a radionovelas, notícias e musicais. A maioria dos profissionais foram trazidos da rádio Guarujá. Essa migração e a manutenção desse cast grandioso foi possível pelo fato da emissora pertencer a família Bornhausen, que na época eram os donos de um banco em Santa Catarina e tinham fortes ligações políticas.

O manejo, ou o trato dos profissionais do rádio entre si foi fator que influía nas decisões de cada carreira. Maria Alice, exemplo dado por Antunes, diz que foi trabalhar na rádio Nacional do Rio de Janeiro, porque aparecia muito na mídia e que isso se tornou um incômodo para seus colegas de trabalho. Sua carreira começou como cantora, passando para programas

de de locução rádio, programas de auditório, humorismo e por fim tomou rumo para Rio de Janeiro. As mulheres que mantinham uma conduta mais moderada eram mais bem vistas. Programas de jornalismo mulheres não tinham o costume de participar, pois Antunes explica que, a voz, nesse momento, valia mais do que a própria notícia. Quer dizer, a notícia só tinha ar de veracidade pela voz masculina. Cabia então as mulheres que buscavam ingressar na rádio, trabalharem em programas de auditório, rádioatrizes, programas humorísticos. E dificilmente ou nunca ele viu uma mulher trabalhar como operadora de som ou técnica de transmissão.

Finalizando seus comentários o senhor Antunes Severo descreve a forma que ele percebe o rádio: uma linguagem, um canal de comunicação simples que envolve técnicas para o seu manejo. O rádio tinha e, tem até hoje (século 21) como função, o papel social de criar a interlocução entre as pessoas do dia-dia. O rádio é mais que um aparelho, é um companheiro.⁶³ Florianópolis era vista e compreendida por Antunes Severo na ótica do rádio, no período entre 1950 e 1960, como uma cidade sem nada para oferecer para o restante do Brasil e para o mundo, resultado de uma indisposição em valorizar seus potenciais locais, mas que cobiçava e exaltava as novidades vindas de fora.

⁶³ Antunes Severo em entrevista concedida em 05/05/2014.

Nelson Padilha

Outro entrevistado foi o senhor Nelson Padilha. Ele nos conta sobre sua trajetória de musicista na radio Guarujá, até a rotina dentro da emissora Diário da Manhã em seus quinze anos trabalhando como operador de mesa e som; seu contato com os programas (radionovelas, programas musicais, debates, etc) e a forma como se relacionava com as pessoas da emissora. Começou a trabalhar em 1965 na rádio Diário da Manhã como operador de som. Mas antes de entrar no ramo profissional do rádio, Nelson era um ouvinte de "carteirinha", e conta sobre o caso da copa de 1962:

Até lembro que na copa do mundo de 1962 acontecido no Chile a rádio nacional do Rio de Janeiro, que era um ícone, transmitiu a copa do mundo usando a onda curta da Diário da Manhã pro Brasil. Uma coisa impressionante! Então, onda curta entrava na Austrália, na Áustria, na Alemanha. Então no mundo todo, na Europa pegava muito bem. A onda curta! A onda média pra entrar ali nos Ingleses era uma coisa de... Ééé (risos). Ela tinha, ela tinha, transmissores de 10 KW, o que era pouco.⁶⁴

Para ele a rádio Nacional do Rio de Janeiro era a maior referência de qualidade e grandiosidade, no que diz respeito a

⁶⁴ Entrevista com Nelson Padilha realizada em 04/10/2013.

programas e transmissão. A repercussão de seus programas em território nacional e a potência de seus transmissores, dava as condições de ser a estação com mais audiências, segundo Padilha. Ao perguntar como se fazia esses sensos de audiência ele comenta: "eles iam de casa em casa perguntando. Assim, levavam meses. A audiência era feita assim."⁶⁵ Ainda como ouvinte, Padilha registra a forma como os programas locais copiavam técnicas das grandes emissoras (como o caso da Rádio Nacional ou a Rádio Tupy, ambas do Rio de Janeiro) para conquistar os ouvintes. Por iniciativa do frei Damiani criou-se a Rádio Santa Catarina que emplacou programas musicais com estilos diferentes, como o Jazz que, até então, não havia sido tocado nas noites de Florianópolis, efeitos sonoros (som de sirene, som de carro, tiro de revolver), fatores que deixavam a imaginação ainda mais real para quem os ouvia. Numa cidade pacata como Florianópolis foi convidado a trabalhar numa empresa que ele considerava grande, como operador de som. A Diário da Manhã, segundo relata Padilha, contava com quase duzentos funcionários. Entre eles, disponibilizara de uma orquestra sinfônica, de um cast de cantores e de radio-atrizes, com programas ao vivo quase todos os dias, programas de comédia feita por pessoas daqui, pagas por empresas locais

⁶⁵ Ibidem.

como a Modelar, Banco INCO, "era uma loucura, ela estourava nos anos 60"⁶⁶. Mesmo na década de 1960, com a emissora já bem estruturada, com pessoas trabalhando nas diversas áreas e esse meio de comunicação ter desenvolvido uma estabilidade/autonomia financeira, Nelson Padilha relata que haviam situações em que os funcionários eram polivalentes⁶⁷ em suas funções dentro da emissora. Ele mesmo lembra de várias vezes ter feito plantão pela madrugada para a empresa captando e gravando informações vindas de outras emissoras de outros Estados para serem os primeiros a informar na capital catarinense. Nelson Padilha recorda que seu trato com seus superiores era de muito respeito, "ordem dada é ordem cumprida", lembrando que certa vez - já no período da ditadura civil-militar no Brasil - seu superior que, na época era um comandante da polícia militar, ordenou que entrasse a propaganda das balas Rocôco logo após o debate político do meio dia. Nelson questionou essa decisão, pois já havia um script a seguir, mas a ordem foi dada e logo que terminou o debate ele entra com a vinheta da bala: "*Sai pra lá seu demagogo pega uma bala Rocôco*". Não precisamos ir muito além para dizer que isso deu no que falar, polícia federal querendo

⁶⁶ PADILHA, N. op. cit. 04/10/2013.

⁶⁷ Assumiam mais funções além daquela ao qual estavam contratadas.

satisfações sobre o ocorrido. Mas aqui, quero me ater na sua relação com seu superior, pois Nelson, alega ter alertado da possível dissonância que poderia causar essa vinheta lançada ao ar depois de um debate político, mas não deixa de cumprir a ordem. Ser radialista, no caso dele operador de som, era uma profissão muito importante. Diz ele que precisava estar sempre atento ao que seria lançado aos ouvintes, pois poderiam surtir mal entendidos, como o caso da propaganda citada e acabar por perder seus ouvintes fiéis. Relação esta que, todos os entrevistados comentam: o rádio e a relação com seu ouvinte. Talvez seja por isso que a maioria dos trabalhos se referem ao rádio como "alguém" que conversa com o ouvinte. Mas o rádio é, como Antunes Severo comenta, um veículo de comunicação moderno e para que isso aconteça de forma eficaz existem técnicas que devem ser seguidas. Era o que Nelson estava alertando a seu superior, mas não foi dada a atenção devida naquele momento.

Para compreender melhor o trabalho de Padilha, perguntei quais os aparelhos que ele usava para trabalhar. Em suma, seu trabalho girava entorno da mesa de som, pois através desta mesa ele tinha acesso ao estúdio de locução, uma autonomia de mexer em dois pratos para disco (LP) com três tipos de rotações (33, 45 e 75 rpm). Fitas cassete e fitas de rolo

(para gravações maiores e com dois tipos de rotações) ficavam disponíveis em outro aparelho conectado à mesa de som próximo ao operador. Ele recordou que para as vinhetas de propaganda os discos eram de acetato⁶⁸ (e não de vinil) e que para executar essas vinhetas se usava agulhas que utilizavam um brilhante mais resistente para não estragá-la com o uso excessivo. Perguntei o porquê dos dois pratos e informou que foram pensados na execução dos programas, enquanto tocava-se uma música era preparado uma propaganda ou outra música afim de não perder tempo do programa, o que na gíria dele era "buraco". Segundo ele, o difícil dessa tarefa era selecionar a faixa do disco certa e colocar a agulha no ponto certo sem ter escutado o que seria tocado, pois a mesa não disponibilizava de recursos para escutar o que estava sendo preparado⁶⁹. O que logo foi solucionado com a chegada de uma mesa mais moderna. Com a chegada da nova mesa, o recurso de escutar o que estava sendo preparado sem sair do ar, otimizou e melhorou o trabalho de Nelson, suprimindo a possibilidade de buracos nos programas (principalmente nos programas noturnos que dispensavam

⁶⁸ Para Padilha o Disco de Acetato era um material mais resistente.

⁶⁹ Sem a opção de escutar a próxima música ou propaganda pela mesa de som, usava-se um papel entre a agulha e o disco para desta forma escutar através do papel a próxima faixa a ser tocada. Técnica que aprendeu com seu amigo e sonoplasta, companheiro de trabalho Augusto Borges de Melo.

propagandas). Disponibilizando duas linhas de transmissão, recurso que dava maior autonomia ao operador que recebia sinais de dois pontos distintos. Significava que, enquanto transmitia um programa executado na cabine do locutor, recebia sinal de outro local (por exemplo o programa *A Voz do Brasil*), podendo escolher o que seria emitido pela emissora e em qual cadeia de transmissão⁷⁰ estaria⁷¹. Essas linhas também poderiam servir para introduzir os efeitos sonoros⁷² nos programas de auditório, rádio-novelas, esportivos e que eram aplicados conforme descrito no script ou quando o operador de mesa achava conveniente. Caso o efeito não tivesse sido gravado, o operador atuava de forma conjunta com o contra-regra que, ficando dentro do estúdio junto com os outros atores, auxiliava

⁷⁰ Ao comentar sobre a criação da cadeia de transmissão ele lembra que via um sinal - espécie de som de gongo eletrônico - que tocava três vezes alertando as outras estações de rádio no interior de Santa Catarina, por exemplo, sobre a transmissão de um discurso oficial do governo do Estado (discurso que era gravado em disco vinil ou fita cassete), formando, assim, uma cadeia de transmissão estadual.

⁷¹ Como não haviam filiais, o programa *A Voz do Brasil* era retransmitido de qualquer emissora do Rio de Janeiro ou São Paulo que fosse captado com melhor sinal por um receptor local ligado à mesa de som. (Entrevista com Nelson Padilha em 20/10/2014).

⁷² Estes efeitos sonoros eram criados de diversas maneiras e gravados, normalmente, em fitas ou discos, com o intuito de atrair mais ouvintes. Nelson lembra que para os programas esportivos, no caso do futebol, gravava-se o grito de "goooooooool" no banheiro - pois os azulejos faziam a voz reverberar dando o efeito de eco. O cavalgar do cavalo era recriado com o bater da casca de côco na mesa de madeira. Para programas comediantes eram gravados risadas de auditório.

com efeitos sonoros pedidos. Isso mostra a atuação efetiva do operador de mesa no processo de construção dos programas, pois trabalhava em conjunto com os radio-atores e radio-atrizes, seja com comentaristas ou com quem estivesse do outro lado do vidro que separava as salas de locução e a sala da mesa de som.

Ao ser perguntado como ele aprendeu a lidar com todos os botões e funções que a mesa dispunha e se ele teve que ler algum manual ou livros de teoria sobre as tecnologias disponíveis na mesa, Padilha, bem objetivo respondeu que isso era trabalho para o técnico da mesa de som. Era o técnico que informava as funções da mesa "... Aqui tu abre pro monitor, aqui é o controle do volume, isso aqui serve pra ... Então ele explicava tudo pra gente"⁷³. Caso algum aparelho viesse a estragar ou danificar, como uma agulha, Padilha até buscava corrigir o dano, mas não perdia tempo nisso. Preferia trabalhar sem este recurso, dispondo no momento de um prato de disco até a chegada do técnico responsável do que ele próprio consertar.

Mesmo não dispondo dos conhecimentos necessários para a criação de uma mesa de som, Padilha se possibilitava utilizar dos recursos disponíveis pela mesa com sua familiaridade e a ousadia de relacionar a imaginação com a linguagem de comandos disponíveis na mesa. Para se ter uma

⁷³ Entrevista com Nelson Padilha realizada em 20/10/2014.

ideia de linguagens disponibilizadas pela mesa perguntei sobre a equalização dos sons, ou melhor da captação dos sons através do microfone ele alega que nem se pensava nisso, "na época as pessoas estavam condicionada em ouvir e trabalhar com o que se tinha"⁷⁴ Ainda aqui, a função do microfone era apenas captar e, à mesa, cabia apenas abrir ou fechar o volume de captação, não cabendo ainda a função de equalizar graves, médios, agudos, brilhos, entre outros pontos que hoje são possíveis e que auxiliam na qualidade dos sons captados a serem transmitidos.

Na compreensão de Padilha, tecnologia estava atrelada à modernidade. As novas formas de técnicas, a otimização das funções e o aumento dos recursos em aparelhos cada vez menores, a complexificação da linguagem da mesa de som eram o reflexo e os indicativos, para ele, da modernidade presente na vida dos radialistas. Mais do que isso, ao colocar a seguinte frase de Aldonei Machado: *a industrialização tomou proporções maiores, atingindo o espírito humano, pois, através desta industrialização, palavras e imagens saem aos turbilhões dos teletipos, das rotativas, das películas e das antenas das emissoras de rádio e televisão*⁷⁵, Padilha afirma que, a prática de aproximar as pessoas através de um sistema de comunicação via

⁷⁴ PADILHA, N. op. cit., 20/10/2014.

⁷⁵ MACHADO, A. op. cit. p. 27.

rádio, o desejo de controlar as vozes e de proporcionar melhores condições de comunicação, são reflexos do espírito humano nesse processo de industrialização e desenvolvimento da necessidade de usufruir deste sistema de cabos e ondas hertzianas.

Aldonei Machado

Outro ponto de vista que utilizo para corroborar com esta pesquisa é o de Aldonei Machado. É de suma importância seu ponto de vista como historiador, pois ao analisar a trajetória do rádio, faz levantamentos de documentos como jornais e gravações e compreende a entrada do rádio no Brasil como uma ferramenta, necessária, utilizada pelo governo para auxílio o desenvolvimento do "capitalismo urbano-industrial".⁷⁶ Um dos marcos que este capitalismo urbano-industrial traz é o conceito de moderno. Para Machado, dos anos 1920 em diante a palavra "moderno" tomou novas dimensões. Tornou-se fluente na linguagem cotidiana, adquirindo conotações simbólicas, revolucionárias e fetchistas [...] introduzindo, assim, um novo sentido à história.⁷⁷ Esse novo sentido, segundo autor citado, é de uma perspectiva que busca olhar-se no futuro, que busca

⁷⁶ MACHADO, A. op. cit. p. 58.

⁷⁷ Ibidem.

explicações no seu futuro e não mais ao passado. Um futuro tão próximo que enxerga-lhe incutido no presente. Essa outra perspectiva influenciada pelo pensamento modernizador, enxerga um povo mais unido por ideais comuns, utilizando-se dos mais novos meios tecnológicos de comunicação, como podemos ver numa vinheta tocada nas rádios Guarujá e Diário da Manhã.⁷⁸ Nesta vinheta podemos perceber essa vontade de "desfrutar do futuro agora" é colocado logo no início da vinheta ("Ao se viver novos tempos..."), o passado é algo desprezível em comparação ao que o futuro moderno é capaz de propor, algo que todo o sacrifício, todas as dificuldades e obstáculos foram quebrados e as melhorias foram alcançadas graças as tecnologias modernas (...desejamos que as pessoas procurem se valer de todas as conquistas modernas, dentre elas as das comunicações...). A essa tecnologia nova de comunicação, não mais tão nova assim, pois como vimos em capítulos anteriores, a rádio comunicação vem sendo utilizada desde o início do

⁷⁸ "Ao se viver tempos novos, nos sentimos bastante a vontade para dizer que também tivemos culpa nessa nova mentalidade que invade a cidade de Florianópolis. Os últimos tempos tem sido de grandes novidades e conquistas. Agora só desejamos que as pessoas procurem se valer de todas as conquistas modernas, dentre elas as das comunicações, para que isso possa unir cada vez mais os povos em torno de ideias comuns". (Comercial radiofônico da Alphi Refrigeração, veiculado nas décadas de 1940 e 1950 pelas rádios Guarujá e Diário da Manhã. Mingúes e Comerciais do Rádio Catarinense - Fita K7 nº15. In: MACHADO, A. 1999, p. 58)

século 20 e, difundida em todo o Brasil em grande escala desde 1930. Isto é, 30 anos de grande profusão da radiofonia e pelo menos 20 anos antes de sua implantação em Florianópolis. Mesmo sendo algo já bem usado, as técnicas e o meio de emissão da voz pelo rádio sempre foram motivos de receio e apontamento entre os usuários. Para compreender melhor o que se passa, ou melhor o que se passava entre os radialistas perante os microfones das emissoras, Aldonei utiliza-se de uma reportagem do jornal O Estado publicado em 25 de abril de 1953, intitulado "Os Escritores e o Microfone", onde é descrito um pouco das angústias dos locutores perante o microfone, "como se estivessem entrando em cem mil casas em que não são esperados", e mais, ao entrar no ar o locutor precisa tomar cuidados como os de não tossir, não pode interromper-se, alegando que "tudo no rádio é regulado em questão de segundos" e seu comprometimento deve ser completo ao ponto de ter-se a "impressão que até nossos sentimentos estão calibrados". O microfone, para Aldonei, assim como o rádio, é fruto da modernidade, feito para o homem moderno que, "quando fala pelo rádio, tem a sensação de fluir irrecuperavelmente no tempo".⁷⁹

⁷⁹ Jornal O Estado, 1953, nº 11.672, pg. 05.

Ao propor uma análise do meio radiofônico em Florianópolis nos idos de 1950 e 1960, compreendo que neste momento o rádio tornou-se o ícone que materializava o ideal de modernidade. Segundo Bauman e Braudillard, uma sociedade moderna traz consigo características voltadas para o consumo e a dependência dos aparelhos tecnológicos, entendidos como modernizantes. Essa dependência cria novos ritmos de vida e que sondam também outras esferas do pensamento coletivo, tais como, a questão do belo, da velocidade da comunicação, os gostos musicais, de vestimentas, os novos ambientes de interação das pessoas, mas busco elucidar ainda mais. Com esse desenrolar dos pontos de vista, descrito anteriormente, das pessoas que trabalhavam fazendo os programas que eram irradiados nas décadas de 1950 e 1960, podemos perceber a formação dessa cultura tecnológica partindo da sua gênese. Digo isso, pois os programas tinham, e continuam tendo, em suas características as técnicas e o "dedo" de cada radialista. Levando isso em consideração concordo com Aldonei Machado quando conclui que as novas tecnologias, incluindo a ráiodifusão, alteraram a forma do artista, do profissional perceber-se no ambiente de trabalho, pois como afirma, "tais profissionais passaram a ser mediados por outros elementos que até então inexistiam, ensejando, em função disto, medos, resistências,

críticas e paradoxos⁸⁰. Desde a preocupação do tempo de duração, para quem era direcionado, a linguagem, os efeitos sonoros do rádio-teatro, a técnica de locução perante o microfone, o material necessário para fazer entrevistas (longos cabos, gravadores, fitas k7, a necessidade de energia e compreensão dos proprietários de lojas e bares para fazer funcionar os gravadores, antenas de transmissão e recepção de sinal das ondas de rádio), o domínio de uma linguagem adequada para esse meio de comunicação para ser entendido, imaginado pelo ouvinte, tudo isso se faz necessário pensar antes de ir ao ar e estas façanhas de produção faz com que os ouvintes criem uma identidade com os programas e cultivem em seus lares o gosto de consumir aquilo que está sendo transmitido por aquele e com aquele que está falando. A prática de produzir a cultura através do rádio no período aqui proposto, entre 1950 e 1960, tornou-se algo inteiramente humano, para utilizar o pensamento de Antunes Severo em entrevista concedida. Quando pegamos um script do programa que passava neste tempo em Florianópolis, poderemos ver que o trato entre os profissionais era muito mais pessoal, muito mais próximo do que uma coluna de jornal. Tomando como objetivo compreender a forma como aqueles que faziam os programas abordam as situações do

⁸⁰ MACHDO, A. op. cit., pg. 48.

cotidiano, os desejos os pensamentos sobre a população local no intuito de conquistarem novos ouvintes/consumidores. Renato Ortiz compreende uma "sociedade moderna como uma sociedade mundial em duplo sentido. Ela [a sociedade], vincula o mundo a um sistema, e ela integra todos os horizontes mundiais como horizontes de um único sistema comunicativo"⁸¹. Em 1954, ao surgir a segunda estação de rádio Anita Garibaldi, mesmo sem autorização, o jornal A Verdade discorre uma saudação em boas vindas alegando que "graças a iniciativa de alguns conterrâneos, que têm como nos o desejo de ver nossa **cidade mais elevada** (...) o aparecimento da Rádio Anita Garibaldi, veio em muito contribuir para o **progresso de nossa cidade** (...) uma estação à altura de seu bom gosto e digna de nossa gente. (Jornal A Verdade. Florianópolis, 16 de agosto de 1954, p. 2) (Grifos meu). Interessante notar os termos grifados, pois nos mostra o desejo de fazer de Florianópolis uma cidade de cultura elevada, de alto refinamento no gosto pelas coisas e que busca o seu progresso. Na tiragem de 1954, do jornal O Estado, veremos a rádio Guarujá comemorando um "**elenco milionário e homogêneo**" (grifo meu), o que nos mostra algumas características da empresa como o prestígio que esta detinha da sociedade que consumia seu produto mais

⁸¹ ORTIZ, R. op. cit. p. 24.

preciosos, a rádio novela, e com isso podemos concluir que, sendo um programa, segundo Nelson Padilha, feito para uma classe mais baixa, as empresas que sustentavam os programas de rádio novela estavam faturando bem, ao ponto de dar condições a emissora de sustentar um elenco profissional e tão caro. Por outro viés, colocando uma interrogação a essa exposição, a essa forma de mostrar os avanços alcançados, podemos indagar o contrário. Em Florianópolis, ainda não havia escola de radiatores e radio-atrizes, não haviam cursos de aperfeiçoamento técnico para que as emissoras melhor produzissem seus programas, em muitas vezes dependiam de pessoas vindas de outros lugares ou o despontar de alguém local. como nos casos da entrega de cargos que eram normalmente às pessoas relacionadas por motivos políticos ou interesses financeiros, sem uma avaliação de suas competências, como afirma Nelson Padilha em entrevista.

Mas ao que tange às técnicas de produção e execução dos programas de rádio, em contato com a Casa da Memória de Florianópolis, inúmeros registros escritos e de áudio dos programas produzidos no respectivo período pude presenciar. Na pasta 006, por exemplo, referente a emissora Guarujá, encontro os esboços dos programas "30 minutos com Orlando e seu conjunto", que acontecia nas quartas-feiras do ano de 1954

das 20:00h às 20:30h, patrocinado por empresas até mesmo de fora da cidade. Segue em anexo as fotos capturadas do esboço do programa. Veremos nestes programas a presença de uma mulher (Dilza Dutra), algo que na época, era algo inovador para os padrões de sociedade, como nos diz a dama do rádio Irene de Souza Boemer⁸², e o autor do programa Aldo Dutra. Vejamos um esboço de um dos programas, que eu reproduzo a seguir, tal qual ele está redigido:

Programa....."30 MINUTOS COM ORLANDO E SEU CONJUNTO"

Frequência..... QUARTA-FEIRA

Apresentação... Dia 14/6/54

LOCUTOR - A Rádio Guarujá acaba de retransmitir o noticiário

- da Agência Nacional, "A VOZ DO BRASIL"

- Alô amigos, muito boa noite. Senhoras e senhores, ouvintes da Rádio

- Guarujá, muito boa noite. Vamos oferecer a hora certa DIAMANTE AZUL...

- são precisamente _____ Relojoaria Diamante Azul, sempre novidades

- em jóias, relógios e artigos para presentes. Relojoaria Azul,

- Trajano, 19.

- Nesse horário, a mais popular emissora catarinense apresenta.....

⁸² FÁVERI, M. op. cit. p. 57.

ORLANDO - (ENTRA COM PREFIXO E CAI PARA B/G.)

LOCUTOR - Amigo, ao som desta característica musical, tem início mais uma audi-

- ção de trinta minutos com este notável conjunto de Orlando Dutra e a

- voz melodiosa de Dilza Dutra. Um. Seqüência musical que irá para o

- ar num oferecimento das firmas: IRMÃOS CHAVES e CERÂMICA PEDRO ANDRI-

- ANI S/A., ambas em Tijucas, neste Estado.

ORLANDO - (RETIRA FUNDO)

LOCUTOR - Você, prezado ouvinte, certamente não desconhece as qualidades nutri-

- tivas da banana; entretanto, aqui está uma afirmativa que poderá sur-

- preendê-lo: dizem as autoridades no assunto que, a banana, além de ser

- uma das frutas de mais fácil digestão, o seu valor nutritivo, por uni-

- dado de tamanho médio, equívale a um suculento bife.

- Os modernos métodos de industrialização introduzidos pela firma IRMÃOS

- CHAVES, no decorrer de 1953, asseguram a todos os seus produtos o

- máximo em saber e qualidade, conservando todas as propriedades ali-

- menticias do fruto maduro.

- Bananas passas, balas de banana e o famoso mussi, constituem parte
- desta linha inconfundível de bons produtos.
- introduza-os em sua casa e tenha a certeza de estar levando saúde para
- o seu lar. Produtos CHAVES! Fabricados em Tijucas, neste Estado.
- Bem, amigos, preparemos-nos para ouvir o sexteto de Orlando Dutra
- abrindo o recital desta noite. OUÇAMOS ...

Nesta página já podemos extrair várias informações a respeito das técnicas de locução e linguagem neste programa. Por exemplo, quando se trata de alguma informação técnica de efeito ou de propaganda as letras estão em maiúsculo e, quando se refere ao texto para o ouvinte as letras estão em minúsculo. Aqui podemos ver entrando em ação o papel de um sonoplasta ou de um operador de som que captando essas informações utiliza-se de técnicas para criar o ambiente propício para cativar a atenção do ouvinte, além de não criar uma poluição sonora, misturando fala com músicas ou efeitos sonoros. Outro ponto chave que poderemos perceber é a propaganda. O rádio como já comentado é uma ferramenta criada dentro de um sistema capitalista que faz um objeto um produto consumível e aqui vemos essa intenção na forma como foi conduzida a propaganda

dos alimentos industrializados IRMÃOS CHAVES. Através de uma informação curiosa (comparação da banana com um *suculento bife*) vemos uma tentativa de fazer com que o ouvinte acredite na qualidade nutritiva dos "produtos industrializados" que trazem consigo aquele ideal de modernidade, de um sentido de avanço. Comparando a data de transmissão e a informação dada de que a empresa estaria no mercado desde 1953 podemos ver que fazia um (01) ano que se buscava expandir o novo costume de alimentos industrializados. Essa tentativa de mudanças de hábitos pelas propagandas podemos compreender como resultado sobre o que Renato Ortiz entende por mundialização da cultura. Neste momento as emissoras de rádio em Florianópolis passam a receber auxílio financeiro de empresas locais, de outras localidades do Brasil e até mesmo de empresas multinacionais e, segundo Aldonei Machado, "tal processo possibilitou a circulação de uma série de outros produtos, artistas e bens de consumo e iniciou, vagarosamente, uma 'mundialização e cosmopolitização de Florianópolis', inserindo seus habitantes num contexto mundial mais amplo"⁸³. Outro ponto é a forma com que o locutor aborda o ouvinte. Ao tratá-lo como "*amigo*", "*prezado ouvinte*", além de mostrar um afeto, demonstrando uma aproximação como ouvinte, expõe, a

⁸³ MACHADO, A. op. cit. p. 81.

nós o efeito da verbalização que o rádio oferece, que, lendo agora, poderemos perceber que facilitava sua compreensão.

O sistema de radiotransmissão sem os cuidados com as técnicas, seria uma ferramenta sem muitas utilidades, as técnicas sem as pessoas para executá-las seriam inúteis e não promoveriam estes elos entre as pessoas que o rádio permite realizar. Este sistema, cria e recria seus profissionais a cada instante, conforme a necessidade vigente. Mas todas as pessoas que trabalharam no meio radiofônico, corroboraram para a formação de uma cultura de massa. O rádio como "porta voz" da indústria cultural, criou o espaço propício em Florianópolis, para a entrada de novos costumes e práticas sociais e profissionais. Seja sendo como o despertador para os ouvintes, ou mesmo o compromisso de ter informações novas e de manter a qualidade e a coesão dos programas, pelas mãos dos radialistas.

Considerações Finais

Os anos de 1950 e 1960 foram, para Florianópolis, o momento da padronização de sua linguagem radiofônica no que tange a produção e reprodução dos programas locais. Uma linguagem que envolve várias áreas de atuação como operário de som, contra-regra, radio-atores e radio-atrizes, sonoplasta,

entre outras áreas que fazem o sistema de radiocomunicação funcionar. Além de ser um período em Florianópolis do surgimento de várias outras estações de rádio, que sugere um mercado promissor, temos a construção da ideia de estação padrão. Na época a estação padrão no território brasileiro era a Rádio Nacional do Rio de Janeiro com seus programas de auditório e radionovelas e Florianópolis buscou esse modelo. Auditórios grandes que possibilitava programas de auditório, rádio-novelas que criaram, assim, mais um nicho de consumo e formas de expressão cultural. O rádio tornou-se um mercado e, que, de forma massificadora, criou uma identidade com os ouvintes e, principalmente com os radialistas que numa afinidade com o material radiofônico viam nele uma maneira de reconhecer seu trabalho sobre as possibilidades dadas pelas ferramentas disponíveis naquele momento. A essa identidade, que surgiu do compartilhamento de técnicas de produção, quero dizer, não basta ter um meio de comunicação em massa, precisava de qualidade para que esta comunicação fosse eficaz. Os anos de 1950 e 1960, como podemos perceber nos depoimentos aqui explanados ou escutando e analisando um dos programas de rádio disponíveis na Casa da Memória de Florianópolis, conforme novas pessoas chegavam na ilha de Santa Catarina atraídos pela qualidade dos programas

possibilitados pelos aparelhos disponíveis, como o caso de Antunes Severo, ou questionando as ordens obedecidas como no caso de Nelson Padilha, veremos a busca do aperfeiçoamento da utilização das ferramentas do rádio, conforme a necessidade de contornar as dificuldades impostas pelos aparelhos. Trabalhar a produção da cultura local pelos aparelhos radiofônicos, seja em programas humorísticos, rádio-novelas, em programas musicais, faz transparecer as relações dos homens e mulheres com os objetos que necessitam de técnicas para seu uso. Mais do que saber manusear, as dificuldades e restrições, pelo fato de disporem apenas de ondas curtas (AM - Amplitude Modular), por não terem a possibilidade de equalizar e transmitir os sons mais graves, por transmitirem, em sua maioria programas realizados ao vivo e por ter interferências (chiados) as locuções tinham que ser bem impostas, com vozes firmes, com o operador de mesa de som cuidando para não se atravessar com músicas e efeitos de som enquanto havia alguém falando. Para isso foi criando, como disse, padrões de operação. As técnicas foram sendo copiadas conforme via-se sua eficácia de suas execuções, mediante a aceitação do público ouvinte. Perante esse intercâmbio de informações que era realizado entre os radialistas, hora escutando outras "estações-modelo", hora questionando e aprendendo com o que faziam em equipe,

formando assim, uma cadeia de praticas comuns, tomo essa padronização como um processo de mundialização da cultura descrito por Ortiz, já apontado anteriormente: "fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais, e que, para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais."⁸⁴ Podemos entender que, o processo de modernização dos meios de comunicação em Florianópolis foi ocasionado pelo enraizamento de "técnicas-padrão" dos profissionais envolvidos. Sem o cultivo destas regras de comportamento (pessoal capacitado, horário a cumprir, padrão de locução, patrocinadores, etc.) Florianópolis não ingressaria e não desenvolveria a rádio comunicação. Ao chegar a este ponto, também nos fica claro que não é possível falar da história do rádio sem falar, em conjunto, das pessoas que trabalhavam nas emissoras ou como rádio-amadores. Os pontos de vista trazidos neste trabalho são muito importantes para contar a trajetória da inserção das novas tecnologias e da identificação dos profissionais e da sociedade, em sua quase totalidade, com outros centros urbanos nacionais e internacionais. Vale ressaltar que não foi pretensão fazer uma história das memórias, mas

⁸⁴ ORTIZ, R. op. cit. p.31.

através destas memórias recriar um panorama que pudéssemos compreender os novos olhares, as sensibilidades dos radialistas para o exterior. Nesta concepção, Antunes Severo comenta em entrevista que o rádio foi feito pelo ser humano como ferramenta de conectar as pessoas com seus semelhantes. O rádio (pensando os aparelhos: mesa de som, transmissor, microfone, cabos, etc.), se tornou uma "vitrine"⁸⁵ para aqueles que praticavam a profissão de radialista nessas décadas, enquanto as técnicas de locução, efeitos sonoros, produção textual especificamente para a linguagem do rádio foram as ferramentas para melhorar essa linguagem radiofônica. Essas técnicas utilizadas pelo radialista para se apresentar num programa de rádio podem ser compreendidas como ferramentas para melhorar sua profissão e, do convívio com essas técnicas e as suas reformulações conforme as possibilidades de melhorias, fizeram com que o profissional mudasse, adaptasse e sua relação com seu meio fosse alterada.

O mais interessante deste ponto de relações com o meio, o rádio além de uma conquista para a cidade de Florianópolis, tornou-se, nestes 20 anos, algo indispensável na vida da cidade, o alongamento da voz e do ouvido das pessoas da cidade, tanto

⁸⁵ Termo utilizado por Antunes Severo em entrevista concedida em 05/05/2014.

para aqueles que ouviam como àqueles que trabalhavam nas emissoras de radio-comunicação. Laymert Garcias dos Santos analisa essas relações humanas com as máquinas e as ações efetuadas no mundo por ambas de tal forma que o mundo já não pode ser mais compreendido pelo ser humano sem levar em consideração o auxílio da máquina.⁸⁶ Florianópolis nas décadas aqui destacadas (1950 e 1960) toma outra forma de enxergar a vida das pessoas. A modernidade trazida pelos aparelhos radiofônicos, não fez desta cidade uma metrópole, nem mesmo alterou de forma brusca a rotina da cidade, mas trouxe a possibilidade de desenvolver técnicas de massificar diálogos e ideias, criando novos nichos de mercado e a possibilidade de introdução de novos produtos sejam roupas, músicas, aparelhos, profissões, novas gírias, de forma tal que, o rádio, acabou sendo assimilado pelo organismo humano e tornou-se parceiro indispensável, quase uma personificação dele ao ponto de termos diversos estudos que tratam da comunicação, da informação, da cultura, entre outros temas relacionados ao ser humano e seu convívio social, onde normalmente é apontado

⁸⁶ SANTOS, Laymert Garcias dos. **O Homem e a Máquina: no centro da relação homem-máquina estão os laços que unem dois dinamismos: o dinamismo do espírito vivo do homem e o dinamismo do espírito concretizado no maquinismo.** Revista nº3, Editora UNICAMP, 1994, p. 48.

como uma das tecnologias fundamentais para a propagação destes ideais de socialização. Coube a estas e estes profissionais, ao meu ver, desenvolver à consciência dos seus ouvintes a identificação com o que Bauman considera por uma sociedade de consumo: a satisfação imediata pela aquisição de bens de consumo (seja pelas propagandas), e a curiosidade/expectativa pelo por vir (como nas radio-novelas).⁸⁷

A este trabalho também coube apontar a importância e as formas com que os profissionais do rádio viam seu trabalho e mostrar que este sistema de comunicação trouxe inovações e mudanças sejam nas técnicas de comunicar e informar, na percepção do convívio e manutenção da ordem social e que, sem o rádio isso não poderia ter sido feito naquele momento. De fato, podemos dizer que a radiotransmissão auxiliou na implantação do que Zuculotto compreende por "sociedade da informação" em Florianópolis nas décadas de 1950 e 1960, que tem como característica fundamental o "resultado do avanço cada vez mais veloz das inovações tecnológicas de suas múltiplas aplicações na área das comunicações"⁸⁸ Ainda sim, há muito a ser explorado sobre rádio e seus profissionais na tentativa de compreender os desenvolvimentos técnicos de produção e

⁸⁷ BAUMAN, Z. op. cit. p. 90.

⁸⁸ ZUCULOTO, V. op. cit., 2004, p. 9.

execução e as possibilidades de alongamentos das ações humanas através do rádio em Florianópolis. Muito são os programas a serem encontrados e analisados e muitas(os) as(os) radialistas que disponibilizam de vastos conhecimentos e vivências profissionais que podem auxiliar a compreender os desdobramentos que este veículo de comunicação e interação com as pessoas acarretou. Haja vista que mesmo com o surgimento de novas tecnologias o rádio tem acompanhado e sido peça fundamental na história da cidade. Deixo aqui meus votos para que esta área de pesquisa continue sendo explorada e que este objeto técnico, o rádio, continue sendo alvo de questionamentos e peça importante na interpretação das ações sociais em Florianópolis e qualquer outro local.

Referências Bibliográficas:

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012 Coleção Primeiros Passos; 36. (10ª reimpressão da 14ª de 1990). 83p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução: Marcus Penchel. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 1999. 334p.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de consumo**. Editora Edições 70. São Paulo, 1981. 246p.

BRÛSEKE, Franz Josef. **A modernidade técnica**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.17, nº49. São Paulo. Junho de 2002. p. 135-144.

CALABRE, Lia. **O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidiano (1940-1946)**. Editora Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2006. 248p.

CASTELHANO, Glória. PRATA, Nair. **Ditadura, censura e o rádio: uma história de semelhanças entre Brasil e Portugal**. Artigo produzido em Portugal, durante estágio de doutoramento na Universidade do Minho, na cidade de Braga, com bolsa de estudos concedida pela CAPES. 14p.

COMASSETTO, Leandro Ramires. **A voz da aldeia: a importância do rádio local na era da conexão planetária**. Artigo p. 233 – 235. In: SEVERO, Antunes; GOMES, Marco Aurélio. *Memória da Radiodifusão Catarinense*. Ed. Insular, 2009, 240p.

FÁVERI, Marlene de. **Irene de Souza Boemer: dama do rádio – cronista da cidade**. Marlene de Fáveri e Gloria Alejandra Guarnazo Luna. Itajaí. Editora Maria do Cais, 2008. 209p.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina**. Maria Bernardete Ramos Flores, Luciene Lehmkuhl, Vera Collaço (org.). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. 478p.

GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da rádio nacional**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, Coleção Estudos Brasileiros, v. 47. 1980. 199p.

MACHADO, Aldonei. **Florianópolis nas Ondas Médias e Curtas do Rádio (Décadas de 40 e 50)**. Florianópolis, 1999. 145p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

MEDEIROS, Ricardo. **História do Rádio em Santa Catarina**. Florianópolis. Ed. Insular, 1999. 142p.

_____. **As radionovelas e seus desdobramentos na capital catarinense**. (Artigo) In: SEVERO; GOMES. *Memória da radiodifusão catarinense*. Ed. Insular. 2009, 240p.

_____. **Dramas do Rádio: a radionovela em Florianópolis nas décadas de 50 e 60.** Editora Insular, Florianópolis, 1998. 112p.

MOCELLIM, Alan. **Simmel e Bauman: modernidade e individualização.** Em Pauta, Revista eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC. vol.4, n.1 (1), agosto-dezembro, 2007. p. 101-118. ISSN 1806-5023.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje.** Rio de Janeiro. Ed. Imago Editora LTDA, 1976, 165p.

NICHEL, Bruno Henrique. **Amável, Prezadíssimo, Inesquecível: o imaginário acerca do locutor de rádio nas correspondências femininas.** Artigo apresentado em Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010. 10p.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo. Ed. Brasiliense, 2000. 234p.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Cor, Profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1967. 285p.

SANTOS, Laymert Garcias dos. **O Homem e a Máquina: no centro da relação homem-máquina estão os laços que unem dois dinamismos: o dinamismo do espírito vivo do homem e o dinamismo do espírito concretizado no maquinismo.** São Paulo: Revista nº 3, Editora UNICAMP, 1994. p. 45-49.

SEVERO, Antunes. **Memória da Radiodifusão Catarinense.** Antunes Severo, Marco Aurélio Gomes. Florianópolis: Insular, 2009. 240p.

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existência de los objetos técnicos.** Ed. Prometeo Libros. Buenos Aires, 2007, 280p.

TERROU, Fernand. **A Informação.** Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo. Difusão Europeia do Livro, Coleção Saber Atual. 1964, 141p.

THOMÉ, Luís Touguinha. **Na onda do progresso: o papel do rádio do desenvolvimento do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Alternativa Consultoria; 2001, 144p.

VAMPRE, Octávio Augusto. **Raízes e evolução do rádio e da televisão.** Porto Alegre, RS. Ed. FEPLAM - RBS, 1979, 276p.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **As grandes fases do Rádio Público Brasileiro: em busca de uma periodização para pesquisas históricas deste segmento da radiofonia nacional.** INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. 15p.

_____. **As perspectivas do rádio na sociedade da informação: reflexões sobre a programação das emissoras públicas.** Trabalho originalmente apresentado ao NP Rádio e Mídia Sonora do IV Encontro de Núcleos de Pesquisas da Intercom, no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Porto Alegre, RS, de 30 de agosto a 03 de setembro de 2004. 11p.

Referências Digitais:

ALLEN, Woody. **Radio days.** In: <https://www.youtube.com/watch?v=z2AW-PFVNxI>, acessado em 05/05/2013.

MELLO, João A. B. **Montagem de um rádio de galena.** In: <http://www.bn.com.br/radios-antigos/montagem.htm>, acessado em 08/08/2013.

SIQUEIRA, Flávio. **O que é o rádio?** In: <http://www.supercomunicador.com.br/2010/05/o-que-e-radio.html>, acessado em 08/05/2014.